

NATHALIA THOMAZELLA

Sobre a natureza e os sábios hindus: uma leitura de a *Vida de Apolônio de Tiana* de Filóstrato

BELO HORIZONTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

2018

NATHALIA THOMAZELLA

Sobre a natureza e os sábios hindus: uma leitura de a *Vida de
Apolônio de Tiana* de Filóstrato

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras na área de Literaturas Clássicas e Medievais.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão

BELO HORIZONTE
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

2018

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

F488v.Yt-s Thomazella, Nathalia.
Sobre a natureza e os sábios hindus [manuscrito] : uma leitura de a *Vida de Apolônio de Tiana* de Filóstrato / Nathalia Thomazella. – 2018.
82 f., enc.: il., (p&b)
Orientador: Jacyntho Lins Brandão.
Área de concentração: Literaturas Clássicas e Medievais.
Linha de pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 78-82.
1. Filostrato, Flávio, ca.170-ca.249. – Vida de Apolônio de Tiana – Crítica e interpretação – Teses. 2. Apolônio, de Tiana – Teses. 3. Filósofos – Grécia – Biografia – Obras anteriores a 1800 – Teses. 4. Sofistas (Filosofia grega) – Biografia – Teses. 5. Índia na literatura – Teses. 6. O maravilhoso na literatura – Teses. I. Brandão, Jacyntho Lins. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 888.9



Dissertação intitulada *Sobre a natureza e os sábios hindus: uma leitura de a Vida de Apolônio de Tiana de Filóstrato*, de autoria da Mestranda NATHALIA THOMAZELLA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de Concentração: Literaturas Clássicas e Medievais/Mestrado

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão - FALE/UFMG - Orientador

Prof. Dr. Antônio Orlando Oliveira Dourado Lopes - FALE/UFMG

Prof. Dr. Júlio César Vitorino - FALE/UFMG

Prof. Dr. Georg Otte
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Belo Horizonte, 19 de fevereiro de 2018.

Agradecimentos

Ao professor Jacyntho, pela orientação paciente, pelos conselhos e pelas correções.

Ao professor Teodoro, por ter me ajudado a direcionar este trabalho, pelos apontamentos feitos e por ter lido meu Projeto de Dissertação com tanto cuidado e atenção.

Ao professor Antonio Orlando, sempre solícito, pelo material de apoio e pelas conversas enriquecedoras.

Ao Dudu, pela amizade.

Ao Marcelo Brugger, por termos passado pela experiência do mestrado juntos.

Aos meus pais, Marcos e Rosana, agradeço com amor, pelo exemplo e pelo acolhimento.

À Nayara, por trazer leveza e alegria ao meu dia a dia.

Ao Felipe, pelo amparo, pelo companheirismo, pela paciência e pelo carinho *senza fine*.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), pelo apoio financeiro.

RESUMO

Este trabalho propõe uma leitura e análise dos livros II e III da obra *Vida de Apolônio de Tiana*, de Filóstrato, os quais se dedicam a descrever a viagem de Apolônio à Índia. Nos concentramos, mais especificamente, no que diz respeito à natureza exótica e aos homens sábios com os quais o personagem teve contato nesse país. Nos capítulos, apresentamos e discutimos algumas polêmicas que circundam não apenas a obra em si, mas também o próprio protagonista desse livro. O *corpus* selecionado destaca trechos que valorizam os tópicos estudados nessa pesquisa, os quais possibilitam uma releitura não apenas do personagem, como também da forma com que a Índia era retratada pelos gregos antigos.

Palavras-chave: Filóstrato; *Vida de Apolônio de Tiana*; maravilhoso; sábios hindus.

ABSTRACT

This study purposes a reading and an analysis of the books II and III of Philostratus' *Life of Apollonius of Tyana*, which describe the Apollonius travel to India. Mainly, we focus on this exotic nature and on the sages which the character had contact in that land. In the chapters, we present and discuss some controversies that surround the work itself, but also its protagonist. The selected *corpus* highlights sections that value the studied topics in this research, which enables a rereading not only of its character, but also the way that India was portrayed by the ancient Greeks.

Key- words: Philostratus; *Life of Apollonius of Tyana*; wonder; hindu sages.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS DE NOMES DE AUTORES E OBRAS	6
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I	9
FILÓSTRATO, APOLÔNIO DE TIANA E A ÍNDIA	9
1.1. Apontamentos sobre a <i>Vida de Apolônio de Tiana</i>	10
1.2. Quem era Apolônio de Tiana?	12
1.2.1. Apolônio: do homem divino ao charlatão	14
1.3. Identidade grega no Império Romano	19
1.4. Por que a Índia?	23
CAPÍTULO II	27
O MUNDO NATURAL HINDU EM VA	27
2.1. Um templo dionisíaco na Índia	27
2.2. Seguindo os passos de Alexandre, ultrapassando limites	29
2.3. O maravilhoso em VA	31
2.3.1. As maravilhas da Índia	33
CAPÍTULO III	65
OS SÁBIOS HINDUS	65
3.1. Fraotes, o rei exemplar, e algumas informações sobre os sábios hindus	65
3.2. Todos os caminhos levam à Grécia	67
3.3. Sobre os confins do mundo e os confins da sabedoria	70
3.4. As curas feitas na torre dos brâmanes	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	78

LISTA DE ABREVIATURAS DE NOMES DE AUTORES E OBRAS

Ct. = Ctésias de Cnido

Ind. Indiká (Ἰνδικά)

Fil. = Filóstrato

VS. Vida dos Sofistas (Βίοι Σοφιστῶν)

VA. Vida de Apolônio de Tiana (Τὰ ἐς τὸν Τυανέα Ἀπολλώνιον¹)

Hdt. = Heródoto

Hist. Histórias (Ἱστορίαι)

Hes. = Hesíodo

Teog. Teogonia (Θεογονία)

Hom. = Homero

Il. Ilíada (Ἰλιάς)

Od. Odisseia (Ὀδύσσεια)

¹ O título da obra é debatido entre os estudiosos. De acordo com Swain (2013, p. 81), o título da obra seria Τὰ ἐς τὸν Τυανέα Ἀπολλώνιον, o qual é usado pelos tradutores desde a edição de 1844 de Kayser. Porém, Boter (2015) argumenta que o título mais genuíno da obra seria Εἰς τὸν Τυανέα Ἀπολλώνιον, sendo o significado do título intencionalmente ambíguo, pois poderia ser traduzido como *Sobre Apolônio de Tiana* ou *Em honra a Apolônio de Tiana*.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é continuação da nossa pesquisa iniciada na Graduação, onde fizemos um estudo e tradução da obra *Indiká* de Ctésias de Cnido. Os fragmentos de Ctésias nos apresentam a Índia como uma terra selvagem, habitada por seres híbridos e por monstros, com medidas e riquezas exuberantes como sendo o limite do mundo. Algumas das coisas retratadas por Ctésias tiveram antecedente nas *Histórias* de Heródoto, e, a partir de então, a Índia tornou-se um *tópos* do maravilhoso na literatura grega antiga. Depois do *Romance de Alexandre*, os brâmanes se tornaram uma característica importante da indografia greco-romana, e, desde então, a Índia é tida como maravilhosa não apenas por suas características físicas, mas também por sua sabedoria elevada (PARKER, 2008, p. 143 e 251).

Ao lermos a *Vida de Apolônio de Tiana* (VA), de Filóstrato, percebemos que esta obra dialoga com estas duas vertentes a respeito da Índia. Publicado em 217 (FRANCIS, 1998, p. 420), este livro narra a vida de Apolônio, um filósofo pitagórico da cidade de Tiana, situada na região da Capadócia que teria vivido durante o reinado de Domiciano (81-96). Desde os dezesseis anos, Apolônio seguiu os preceitos pitagóricos, e, em busca de uma sabedoria suprema, teve como objetivo viajar até os brâmanes. Consequentemente, a Índia ocupa um lugar essencial na narrativa, e, dos oito livros que compõem a obra, dois deles se dedicam a descrever a experiência de Apolônio junto aos hindus.

Por esses motivos, nos dedicamos a estudar os livros II e III da VA. Dentro dessa seleção, selecionamos, destacamos e traduzimos trechos que ressaltam o caráter maravilhoso da obra, tanto os que dizem respeito à sua descrição geográfica e etnográfica, quanto os que retratam a sabedoria brâmane. Nos momentos em que encontramos alusões aos escritores Heródoto e Ctésias, comparamos e contrastamos as fontes com a finalidade de perceber de que modo a tradição acerca da Índia, iniciada por estes dois autores, tem continuidade em Filóstrato.

Para isso, dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro capítulo, fizemos um estudo sobre o autor Flávio Filóstrato, sua obra *Vida de Apolônio de Tiana* e a figura de Apolônio de Tiana. Discutimos sobre as polêmicas e divergentes concepções sobre o autor e a personagem, para entendermos melhor o contexto em que a obra foi escrita.

No segundo capítulo, discorremos a respeito do caráter maravilhoso da VA e selecionamos trechos que descrevem a natureza hindu. Dividimos em seções que retratam a descrição da geografia, da hidrografia, do clima da Índia, dos animais e dos seres exóticos

narrados por Filóstrato. Ao arrolar estas passagens, cotejamos com trechos das *Histórias* e dos *Indiká*. No terceiro capítulo, ao estudar sobre o contato que Apolônio teve com os brâmanes, seus ritos e suas discussões, percebemos como essa obra contribuiu para a formação de um modelo idealizado de uma cultura grega clássica unificada.

Dessa forma, sob a ótica de um escritor tardio, que escreveu quase seiscentos anos depois de Heródoto e de Ctésias, ainda lemos a Índia ainda como uma terra maravilhosa.

CAPÍTULO I

FILÓSTRATO, APOLÔNIO DE TIANA E A ÍNDIA

De acordo com o *Suda* (léxico medieval bizantino que cataloga escritores e obras da Antiguidade) existem três escritores catalogados com o nome de Filóstrato no final do século II e início do século III (SILVA, 2014a, p. 31). Destes, trataremos de Flávio Filóstrato, chamado de “o Segundo”, filho de Filóstrato Vero. Sabe-se que sua família habitava a ilha de Lemnos, território ateniense, e que ele nasceu por volta de 170 (BOWIE, 2009, p.19).

Filho de uma família abastada pertencente à ordem senatorial, Filóstrato teve uma educação voltada aos interesses dessa camada social. Foi um destacado sofista, tanto em Atenas quanto em Roma, e viveu no Império Romano durante o governo da dinastia dos Severos (193 – 225), com a qual teve boas relações e a qual acompanhou em viagens (SILVA, 2013a, p. 2). Ele também teria sido membro do círculo social de Júlia Domna, esposa do imperador Septímio Severo, como nos informa o próprio autor em um trecho de sua obra *Vida de Apolônio de Tiana*:

μετέχοντι δέ μοι τοῦ περὶ αὐτὴν κύκλου — καὶ γὰρ τοὺς ῥητορικοὺς πάντας λόγους ἐπήνει καὶ ἠσπάζετο — μεταγράψαι τε προσέταξε τὰς διατριβὰς ταύτας καὶ τῆς ἀπαγγελίας αὐτῶν ἐπιμεληθῆναι, τῷ γὰρ Νινίῳ σαφῶς μὲν, οὐ μὴν δεξιῶς γε ἀπηγγέλλετο. (VA, I, 3).

Quanto a mim, que fazia parte do seu círculo (já que ela elogiava e apreciava todos os discursos retóricos), me incumbiu ela de redigir estes ensaios e me ocupar da sua publicação, pois [Dâmis], o de Nino, fez sua narrativa de forma clara, mas não prática.²

Não se sabe ao certo o que seria esse círculo social (κύκλου), nem se ele realmente existiu. Cogita-se a hipótese de ter sido um grupo literário composto por alguns artistas e escritores para discutir questões literárias e filosóficas, ou um grupo seletivo de intelectuais

² A tradução para o português desta passagem, assim como a de outras que aparecerão ao longo deste trabalho, é de nossa autoria.

formado por médicos, poetas, escritores, filósofos, juristas, historiadores e membros do círculo imperial (SILVA, 2014a, p. 49)³.

Além desse contato com a imperatriz, Filóstrato também exerceu cargos políticos. De acordo com indicações epigráficas, o autor foi general hoplita⁴ em Atenas, provavelmente nos anos 200 e 210, e representante do governo de sua cidade (BOWIE, 2009, p.19-20). Ademais, acredita-se que a estátua que há em Olímpia é dedicada a Flávio Filóstrato, na qual lê-se a seguinte inscrição: “À Boa Fortuna, segundo a decisão do Conselho Olímpico, o sofista Flávio Filóstrato de Atenas, sofista, a mais ilustre pátria elevou a estátua.” (SILVA, 2014a, p. 33). Segundo Martínez (2006, p. 456 *apud* Silva, 2014a, p.33), os sofistas eram usualmente homenageados com estátuas nas cidades gregas, pois essa era uma forma de reconhecer seus encargos públicos e políticos.

Filóstrato escreveu algumas obras e, atualmente, são reconhecidas como sendo de sua autoria: *Vida de Apolônio de Tiana* (a maior fonte de informações que temos sobre Apolônio), *Vida dos Sofistas*, *Heroicos*, *Imagens*, *Cartas*, *Ginástico*, *Nero* e um discurso retórico conhecido como *Diálexis 2* (ELSNER, 2009, p. 4). Apesar de não haver consenso entre os pesquisadores sobre a autoria de todas essas obras, considera-se que *Vida de Apolônio de Tiana* (VA) e *Vida dos Sofistas* (VS) tenham sido escritas por Flávio Filóstrato, haja vista que VA é citada em sua obra posterior, VS (SILVA, 2014, p. 59). Estas são as duas obras mais conhecidas de Filóstrato, sendo que VS é uma série de sessenta biografias de sofistas célebres do Império Romano, dividida em dois livros, e a VA é uma biografia sobre o sábio Apolônio de Tiana, composta por dois volumes, tendo cada um deles oito livros.

1.1. Apontamentos sobre a *Vida de Apolônio de Tiana*

Feita sob encomenda da imperatriz Júlia Domna, Filóstrato escreveu as memórias de Apolônio, um sábio da cidade de Tiana, pertencente à região da Capadócia (VA, I, 3), que teria vivido cerca de um século antes, durante o reinado de Domiciano (81 – 96). Foi publicada, provavelmente, depois da morte da imperatriz, em 217 (FRANCIS, 1998, p. 420).

A obra descreve o nascimento de Apolônio e sua juventude devotada à aprendizagem dos princípios pitagóricos e do autoconhecimento. Posteriormente, ele empreende uma série de viagens, passando por várias regiões, com o objetivo principal de chegar à Índia e de se

³ Para uma discussão detalhada sobre esse assunto, cf. Silva, 2014a, p. 49 - 52.

⁴ Nesse período essa magistratura se encarregava especialmente de assegurar o abastecimento alimentício da cidade.

encontrar com os brâmanes hindus, em busca do conhecimento filosófico (VA, I, 18, 32; II, 11; III, 16, 29; IV, 47). Durante o percurso, são narradas as impressões, reflexões, o diálogo de Apolônio com cidadãos e reis, suas intervenções políticas, as curas e os milagres feitos por ele. Francis (1998, p. 420) sintetiza a obra afirmando que Apolônio “viaja pelo mundo mediterrâneo, discursando sobre a verdadeira filosofia e religião, pregando ideais culturais gregos, profetizando e realizando milagres”, e, “quando retorna da Índia, Apolônio é aclamado pelo mundo cultural grego e se envolve ativamente nos negócios das cidades da Ásia Menor e da Grécia (IV. 2-33)”.

Nesse sentido, a VA é uma biografia, embora seja considerada demasiadamente longa, sendo uma das biografias mais extensas que sobreviveram da Antiguidade, com conteúdos demasiadamente variados (KEMEZIS, 2014, p. 62). O próprio autor usa a palavra βίος em VA (V, 39)⁵, talvez para caracterizar sua obra, talvez com a intenção de transformar Apolônio em um modelo de homem a ser seguido por seu valor moral ou ainda para dar credibilidade à obra (SILVA, 2014a, p. 86). Com base na historiografia do período clássico e desenvolvido no período helenístico, esse gênero literário teve como uma de suas características principais biografar pessoas que serviriam de exemplo para a comunidade (SILVA, 2012, p. 2).

Martínez e Dosse também discutem essa relação entre biografia e vidas exemplares na Antiguidade. O primeiro afirma que a biografia serve para veicular as ideias sobre o comportamento moral individual, tornando-se com isso um instrumento de ideologia política (MARTÍNEZ, 2004, p. 48). O segundo enuncia que, nessa época, o discurso das virtudes foi incorporado à biografia e, conseqüentemente, estabeleceram-se modelos moralizantes (2009, p. 123 *apud* Carvalho, 2011, p. 131). Esses modelos, então, formaram uma tradição na Antiguidade, a tradição dos valores heroicos, e, após a cristianização, a dos valores religiosos, sendo ambos embasados em vidas exemplares (CARVALHO, 2011, p. 131).

Contudo, o gênero literário da VA ainda é bastante debatido. De uma forma geral, os comentadores classificam a obra em um determinado gênero literário, mas afirmam que o texto tem características muito evidentes de outros gêneros. Os estudiosos que consideram esse texto como biografia são Zeitlin (2001), Abraham (2009), Elsner (2009) e Silva (2014). Bowie (2009), por outro lado, o tem como romance. Já Pajares, em sua introdução da tradução da VA para a Editorial Gredos (1992), afirma que esse texto tem predominantemente características biográficas, mas com influência da paradoxografia (obras dedicadas à

⁵ “Quanto a mim, vou afastar desse homem, já que não foi minha intenção difamá-lo, mas possibilitar o relato da vida de Apolônio a quem ainda não a conhece” (VA, V, 39). Texto grego: ἐμοὶ δὲ ἀφεκτέα τοῦ ἀνδρός, οὐ γὰρ ἐκεῖνον διαβαλεῖν προῦθέμην, ἀλλὰ παραδοῦναι τὸν Ἀπολλωνίου βίον τοῖς μήπω εἰδόσι.

exploração de maravilhas ou coleções de *mirabilia*)⁶, do romance e da aretologia. Para Uytfanghe (2009), a VA é uma hagiografia (relatos ou biografias de homens santos), enquanto que, para Cornelli (2001), trata-se de uma aretologia. Por fim, Holzberg (1996) e Flinterman (2009) a classificam como biografia ficcional, ao passo que Francis (1998) a considera um gênero formado com todas essas características.

Para compor a VA, Filóstrato afirma ter usado como fontes: i) informações coletadas em cidades nas quais Apolônio era adorado e em templos restaurados por ele; ii) cartas escritas pelo próprio Apolônio, nas quais discorria a respeito dos deuses, dos costumes, dos princípios morais, das leis, além de comentar sobre as falhas humanas (VA, I, 2); iii) relatos deixados por pessoas com quem ele teve contato, como reis, sofistas, filósofos, e homens gregos, indianos e egípcios; iv) um livro de memórias de Dâmis, discípulo de Apolônio; v) e um livro de Máximo de Egas, no qual o autor registra a passagem de Apolônio por essa cidade. Além destas fontes, Filóstrato diz ainda ter consultado um livro escrito por Moeragenes. Contudo, Filóstrato afirma ter rejeitado essa fonte pelo fato de o autor ser ignorante de vários aspectos da vida de Apolônio (VA, I, 3).

1.2. Quem era Apolônio de Tiana?

Apolônio de Tiana nasceu na Capadócia, em meados de 40, início da era cristã. Teria sido um sábio itinerante e filósofo neopitagórico. Enquanto esteve vivo, não se tornou muito famoso, salvo no norte da Síria e na Ásia Menor, onde era conhecido como um mago benéfico e um curador. Na biografia feita por Filóstrato, Apolônio é universalmente aclamado, influente, e até mesmo um homem semidivino, que teria feito muitos milagres, profecias e exorcizado demônios. Quando morreu, seu corpo e sua alma teriam ascendido ao céu (YSSELT, 1994, p. 351).

De acordo com Flinterman (2009, p. 157 – 158), Apolônio teria direcionado sua vida segundo os preceitos definidos por Pitágoras. Esses preceitos eram, basicamente, a renúncia ao uso de produtos de origem animal, da vestimenta à alimentação, e a rejeição dos sacrifícios de animais. Fazia parte, também, desse estilo de vida ascético a prática do silêncio entre seus seguidores.

⁶ De acordo com Nichols (2011, p. 30), a partir do séc. III a.C, no período helenístico, a paradoxografia já aparece como um gênero literário bem desenvolvido.

Seguindo os passos de Pitágoras, aos dezesseis anos Apolônio decide aderir a esse estilo de vida (VA, I, 7). Desse modo, primeiramente, Apolônio renunciou ao consumo de carne, com o argumento de que esta era impura e deixava a mente impolida, passando a seguir uma dieta à base de frutas secas e vegetais. Abdicou também da ingestão do vinho, pois, apesar de ser uma bebida pura, desequilibrava a mente (VA, I, 8)⁷. Depois de desintoxicar seu corpo, Apolônio parou de usar qualquer produto de origem animal, como sapatos, e só usava vestes de linho (VA, I, 8)⁸. Além disso, deixou crescer seu cabelo (VA, I, 8) e sua barba. Sobre isso, Flinterman (2009, p. 159) destaca que, no início do período imperial, o cabelo comprido era considerado uma característica distintiva dos filósofos pitagóricos. Todavia, Apolônio privou-se também da vida conjugal e do sexo, mantendo o celibato. Nesse caso, contudo, o celibato foi uma medida tomada além dos preceitos do pitagorismo, pois Filóstrato menciona que Pitágoras era renomado por defender a monogamia (VA, I, 13)⁹. Ademais, ele não participava e era contra sacrifícios de sangue, tanto em ritos religiosos quanto em espetáculos de gladiadores (VA, I, 10, 31; IV, 22, V, 25). Por fim, fez voto de silêncio durante cinco anos (VA, I, 14 - 15).

Assim, segundo Filóstrato, o modo de vida de Apolônio propiciaria um conhecimento privilegiado do mundo e uma comunicação com a esfera divina. Nesse sentido, o diálogo com o rei parto Vardanes é ilustrativo. Nele, Apolônio diz que Pitágoras o ensinou a venerar os deuses e a estar atento a eles, independentemente se eles eram visíveis ou não, e a estar frequentemente em diálogo com eles, bem como se vestir com o linho, produto não de origem animal, mas da terra e da água. Também faziam parte desse aprendizado manter o cabelo longo como disciplina, se manter puro ao não consumir carne e não acompanhar alguém no consumo de bebidas alcoólicas, assim como não viver uma vida ociosa ou luxuosa, mas auxiliar as pessoas que têm problemas de conduta (VA, I, 32).

⁷ Como descrito na própria obra, para Apolônio o vinho “era uma bebida pura por vir aos homens de uma planta tão bem cultivada, mas era contrário à formação da mente, por escurecer o éter que havia na alma” (VA, I, 8). Texto grego: καὶ τὸν οἶνον καθαρὸν μὲν ἔφασκεν εἶναι πῶμα ἐκ φυτοῦ οὕτως ἡμέρου τοῖς ἀνθρώποις ἦκοντα, ἐναντιοῦσθαι δὲ τῆ τοῦ νοῦ συστάσει διαθολοῦντα τὸν ἐν τῆ ψυχῇ αἰθέρα.

⁸ Essa característica é bem marcada no momento em que o rei indiano Fraotes lhe dá vários presentes e Apolônio aceita apenas as vestes de linho, como consta no trecho que segue: “O hindu lhe deu ouro, pedras preciosas, vestidos de linho e milhares de coisas. Apolônio disse que tinha ouro o suficiente, pois Vardanes tinha dado a ele, escondido dele, ao guia, mas que aceitaria os vestidos de linho, porque se assemelhavam ao manto filosófico dos antigos e eram mesmo áticos.” (VA, II, 40). Texto grego: καὶ χρυσίον δὲ εἰδίδου ὁ Ἰνδὸς καὶ ψήφους καὶ ὀθόνας καὶ μυρία τοιαῦτα: ὁ δὲ Ἀπολλώνιος ‘χρυσίον μὲν’ ἔφη ‘ικανὸν ἑαυτῷ εἶναι δόντος γε Οὐαρδάνου τῷ ἡγεμόνι ἀφανῶς αὐτό, τὰς δὲ ὀθόνας λαμβάνειν, ἐπειδὴ εἰκόασι τρίβωνι τῶν ἀρχαίων τε καὶ πάνυ Ἀττικῶν.

⁹ Sobre esse assunto, cf. também Flinterman, 2009, p. 161.

1.2.1. Apolônio: do homem divino ao charlatão

Em VA, Apolônio é afamado por seu estilo de vida ascético bem como por fazer milagres. Dadas essas características, em alguns momentos da narrativa, Apolônio é chamado de θεῖος ἄνθρωπος (homem divino). Justi (2012, p. 15) nos informa que o principal elemento associado ao termo é que o homem divino possui características excepcionais, expressas por meio do poder miraculoso e da sabedoria extraordinária. Um homem assim identificado era geralmente itinerante e tido por seus seguidores como um salvador divino graças aos seus poderes prodigiosos.

Alguns dos milagres realizados por Apolônio foram: i) salvar a cidade de Éfeso de uma praga (IV, 10); ii) exorcizar demônios (IV, 20); iii) curar um jovem rapaz, em Tarso, que fora mordido por um cão raivoso (VI, 43); iv) prever a morte do imperador Domiciano (VIII, 26).



FIGURA 1 - Apolônio curando um jovem ateniense possuído (VA, IV, 20) (imagem superior), Apolônio ressuscita uma garota morta em Roma (VA, IV, 45) (imagem inferior). Desenho de Johannes Stradanus (Bruges 1523 - Florença 1605). New York, Cooper-Hewitt Museum of Design, Smithsonian Institution. Fonte: YSSELT, D.V.S. Stradanus Drawings for the “Life of Apollonius of Tyana”, *Master Drawings*, vol. 32, n. 04, 1994, p. 353.

Ademais, ele é reconhecido como divino em diversas passagens do texto¹⁰. Em uma delas, o rei indiano Fraotes escreve uma carta ao brâmane Iarcas, o sábio hindu mais antigo, aconselhando-o a dar igualdade de tratamento a Apolônio:

ἐπιστελῶ δὲ καὶ Ἰάρχα τῷ πρεσβυτάτῳ τῶν σοφῶν, ἵν' Ἀπολλώνιον μὲν ὡς μηδὲν κακίῳ ἑαυτοῦ δέξηται, ὑμᾶς δὲ ὡς φιλοσόφους τε καὶ ὀπαδοῦς ἀνδρὸς θείου.' (VA, II, 40).

[Fala de Fraotes:] “e, escreverei também a Iarca, o mais velho dos sábios, para que receba Apolônio em nada pior do que eu próprio, e a nós como filósofos e seguidores um homem divino.”

Ainda conforme Justi (2012, p. 15), um nascimento maravilhoso, uma carreira marcada pelo dom da linguagem persuasiva e dominadora, a capacidade de fazer milagres (incluindo curas e adivinhações) e uma morte de alguma maneira extraordinária caracterizam o termo θεῖος ἀνὴρ¹¹. Com exceção da morte, não descrita na VA, todos os atributos acima condizem com a vida de Apolônio. Filóstrato, no primeiro livro, narra o nascimento de Apolônio como um momento envolto em presságios (VA, I, 5). Há, por exemplo, a menção de que ele seria a encarnação do deus Proteu, uma vez que esse deus teria aparecido à sua mãe enquanto estava grávida, predizendo o acontecimento, o que confirmaria a sabedoria divina de Apolônio (VA, I, 4). Além disso, a aparição de um bando de cisnes, momentos antes do seu nascimento, e a queda de um raio, no instante do parto, estariam associadas ao seu favorecimento divino¹². A imagem de Stradanus traduz bem essa cena:

¹⁰ Como por exemplo: VA, I, 2, 21; II, 17, 40, III, 28; VII, 38, VIII, 13, 23.

¹¹ Alguns autores, vide Horsley (2013), Kemezis (2014) e Koskenniemi (2016) se opõem a essa concepção.

¹² O estudo de Miles (2016) trata sobre a relação que há entre o aparecimento dos cisnes e os presságios ligados a eles no momento do nascimento de Apolônio.



FIGURA 2 - O nascimento de Apolônio de Tiana na Capadócia (VA, I, 4-5). (imagem superior), e Apolônio de Tiana admirando os relevos do templo em Taxila, na Índia (VA, II, 20) (imagem inferior). Desenho de Johannes Stradanus (Bruges 1523 - Florença 1605). New York, Cooper-Hewitt Museum of Design, Smithsonian Institution.

Fonte: YSSELT, D.V.S. Stradanus Drawings for the “Life of Apollonius of Tyana”, *Master Drawings*, n. 32, n. 04, 1994, p. 352.

Porém, foram os milagres que elevaram a fama de Apolônio. Em virtude disso, Domiciano tentou descaracterizar o aspecto divino desses feitos. Para tal, o imperador o processou, afirmando que Apolônio conspirara contra ele (VA, VII, 20). No julgamento, Apolônio foi chamado de γόης, que, neste contexto tinha uma denominação pejorativa¹³, pois

¹³ No entanto, γόης nem sempre teve uma denotação pejorativa. De acordo com Lloyd, (1979, p. 10 - 15), o primeiro registro que temos de uma obra que aplicou o termo γόης de forma depreciativa, é datada entre o final do século V e início do século IV a.C. Não apenas esse termo, mas qualquer pretensão de poder manipular forçosamente o divino ou o sobrenatural, parece ter entrado em conflito com uma visão mais racionalista da religião. Segundo o autor, é ainda nos meados do século V a.C. que temos evidências de relatos racionalistas da origem da religião, e temos informações que relatam a rejeição e a refutação de algumas noções mágicas, como no tratado hipocrático *Sobre a Doença Sagrada* (Περὶ ἱερῆς νόσου).

significava ser feiticeiro, mago, charlatão, impostor ¹⁴. Na sequência, ele foi processado por: i) ter sido adorado por algumas pessoas; ii) ter predito a fome em Éfeso; iii) ter proferido algumas palavras em detrimento de Domiciano; iv) ter visitado o então senador Nerva e ter feito o sacrifício de um menino árcade em benefício deste; v) e pelo modo de viver e de vestir-se (VA, VII, 20). De todas, a penúltima acusação era a mais grave (VII, 20). Após o testemunho de duas pessoas, a favor de Apolônio, ele próprio se defendeu da seguinte forma:

παρ' ὅσον μὲν τοίνυν τῆς ἀληθείας ἡ γραφὴ ζυνετέθη, δηλοῖ σαφῶς ἡ μαρτυρία τῶν ἀνδρῶν, οὐ γὰρ ἐν προαστείοις, ἀλλ' ἐν ἄστει, οὐκ ἔξω τείχους, ἀλλ' ἐπ' οἰκίας, οὐδὲ παρὰ Νερούα, παρὰ Φιλίσκου δέ, οὐδὲ ἀποσφάττων, ἀλλ' ὑπὲρ ψυχῆς εὐχόμενος, οὐδ' ὑπὲρ βασιλείας, ἀλλ' ὑπὲρ φιλοσοφίας, οὐδ' ἀντὶ σοῦ χειροτονῶν νεώτερον, ἀλλ' ἄνδρα σώζων ἐμαυτῶ ὅμοιον. (VA, VIII, 7).

Até que ponto são verdadeiras estas acusações mostra com clareza o testemunho destes senhores, pois eu não estava na periferia, mas na cidade; não estava fora das muralhas, mas em uma casa; não estava na casa de Nerva, mas na de Filisco; não estava decapitando, mas clamando por uma vida; não em prol do reino, mas da filosofia, não votando contra ti e a favor de um mais jovem, mas para salvar um homem semelhante a mim.

Diante desse contexto, Silva (2016a, p. 126) acredita que o motivo da acusação tenha sido político, já que o imperador possivelmente temia a influência de Apolônio junto ao povo. Porém, ponderamos que o imperador temia o contato e a influência de Apolônio junto à corte ou aos círculos de poder.

Por outro lado, existe também a possibilidade de que tanto a acusação quanto a defesa de Apolônio tenham sido inventadas por Filóstrato, com o intuito de reverter a imagem de Apolônio, de γόης para θεῖος ἄνθρωπος (SILVA, 2014, p. 129). Dessa forma, as práticas com natureza mágico-religiosa, denunciadas por Domiciano, seriam parte da sabedoria divina de Apolônio (VA, VIII, 2, 7). Isso faria dele um teurgo e, segundo Silva (2013b, p. 3.), a teurgia era uma fusão de rituais religiosos e especulações filosóficas com uma base mágica. De acordo com Brandão (1991, p. 113):

a magia ligada à filosofia, por um lado, era considerada um conhecimento místico, por outro lado, era uma espécie de conhecimento científico, o que fazia com que fosse aceita por largas faixas das camadas mais eruditas do Império Romano.

¹⁴ Bailly, 2000, p. 443.

Teríamos assim, a partir da VA, o modelo de um homem sábio, filósofo e com uma moral exemplar, uma figura alvo de admiração. Além disso, Apolônio carregaria consigo os valores gregos para onde quer que fosse, como veremos mais à frente.

Por outro lado, no contexto cristão, Apolônio de Tiana é uma figura muito debatida. Dentre as polêmicas que o envolvem está a comparação dele com Jesus Cristo. No século III, Sosiano Hiérocles escreveu um tratado polêmico contra Jesus, no qual tentou usar a imagem de θεῖος ἄνθρωπος, representada por Apolônio, como uma ferramenta contra o cristianismo de seu tempo. Embora esse tratado não tenha sobrevivido, é citado por Eusébio de Cesareia, que tentou veementemente proteger Jesus contra o ataque de Hiérocles em um tratado intitulado *Contra Hiérocles*. (SCHIRREN, 2009, p. 161- 162). De acordo com Schirren (2009, p. 162), o contraste que há entre essas duas figuras, sob o ponto de vista crítico-literário, é que a vida de Jesus, como narrada no *Novo Testamento*, conta a história do filho de Deus sujeitando-se ao mal do mundo e superando o sofrimento humano sem pronunciar uma palavra contra Pôncio Pilatos, que o condenou à morte. Com isso, Cristo se torna o salvador do mundo. Em contraste, na VA, Apolônio ergue-se contra os governantes impiedosos do império romano e, mesmo depois de ter sido condenado à morte por sua conduta ultrajante, ainda tenta educar os tiranos, para, finalmente, desaparecer quando lhe parece apropriado¹⁵.

Com isso, a imagem de Apolônio de Tiana, como descrita por Filóstrato, teve grande repercussão nos primeiros séculos do cristianismo. E, séculos depois, ainda repercutia, uma vez que inspirou o artista flamengo Johannes Stradanus (Bruges 1523 - Florença 1605) a pintar uma série de pequenos quadros, todos feitos à pena e tinta e enumerados de um a dez. De acordo com as legendas escritas na caligrafia do próprio artista, os desenhos representam cenas da vida de Apolônio de Tiana, e atualmente se encontram no museu Cooper-Hewitt de Nova York (YSSELT, 1994, p. 351).

¹⁵ Outros autores que discutem esse tema são Elsner (1997), Girard (1999), Koskenniemi (1998), Stratton (2003), Jones (2006) e Silva (2014, segundo capítulo).

1.3. Identidade grega no Império Romano¹⁶

É muito difícil definir ou atribuir uma identidade, grega ou romana, em meio a um império vasto e multicultural. No século V a.C, Heródoto (*Hist.*; VIII, 144) registra uma oposição entre “nós” (gregos) e os “outros” (bárbaros). Isso não deixa de ser um conceito, ou um critério de identificação do que é ser grego (*hellenikón*): ter o “mesmo sangue, mesma língua, santuários e sacrifícios comuns, hábitos e costumes semelhantes”.

Mas o tempo e o contexto de Filóstrato (séculos II – III) já não eram mais iguais aos do século de Heródoto. Grego, originário de Lemnos, Filóstrato viveu durante o Império Romano em meio à heterogeneidade e à diversidade cultural. Nessa época, a questão da identidade romana (ou identidades) incluía o processo de romanização (da Itália, e em seguida do Império), de um lado, e a questão da resistência cultural a ela, de outro. De acordo com Mendes (2004, p. 258)

O conceito de Romanização, em aplicação, pressupõe um processo de mudança socioeconômica multifacetada em termos de seu significado e mecanismos, implicando em diferentes formas de interação cultural. Nesta perspectiva fica implícito o reconhecimento de um contínuo desenvolvimento da cultura material nativa, aberta a processos interativos diferentes em épocas distintas e em resposta às escolhas e demandas locais. Por outro lado, a Romanização também é entendida como um processo dialético na medida em que veicula os elementos culturais fundamentais da identidade cultural romana e seu ajustamento com alteridades culturais dos povos dominados.

A assimilação cultural das populações que foram integradas a Roma durante a expansão da República e do Império foi “um processo de mudança relacionado com as ideias de controle social e identidade” (MENDES, 1999, p. 307).

A própria Roma, por outro lado, passou por um processo de helenização séculos antes. Historiadores consideram que houve uma primeira helenização, com a captura de Tarento, por Fábio Máximo, em 272 a.C. Posteriormente, teria havido uma segunda

¹⁶A palavra latina *identitas* é uma criação tardia, do século IV, usada especialmente por teólogos cristãos para definir a Trindade. De fato, no mundo romano, é preciso primeiro ser capaz de identificar um indivíduo, através da atribuição de um nome e de um status ligado ao grupo; já o termo latino *persona* refere-se primeiro à máscara usada pelos atores, antes de designar a pessoa gramatical ou entidade. Mas, ao contrário do que aconteceu no Império Romano, a noção de identidade, na Grécia Antiga, não se deu devido ao uso recorrente de palavras, e, ao que se constata até hoje, também não há textos em que a noção própria de identidade apareça, nem um termo específico que tenha essa designação (BAROIN; WORMS, 2006, p. 1-2).

helenização, nos últimos anos desse mesmo século, com a tomada de Siracusa, por Marco Cláudio Marcelo, em 212 a.C (BAROIN; WORMS, 2006, p. 8).

Como resultado desse processo, os romanos receberam influências gregas na religião, nas artes e nas relações sociais. A exemplo disso, citemos as práticas e locais de ócio (*otium*), que eram essencialmente caracterizados como gregos e que foram totalmente inseridos na cultura romana, como o banquete, a filosofia e o teatro. Com isso, entendemos a questão da identidade como sendo um movimento constante e plural, e a fusão de costumes e de práticas não se constrói somente em oposição ao outro, mas também com o outro (BAROIN; WORMS, 2006, p. 8 - 9).

Nesse contexto de fusão e de difusão de identidades, Filóstrato resgata e valoriza a cultura grega clássica por meio de suas principais obras, *VS* e *VA*. Na *Vida dos Sofistas*, o tema é desenvolvido dentro da perspectiva dos papéis desempenhados pelos sofistas na Segunda Sofística (Δευτέρα σοφιστική). De acordo com Whitmarsh (2001, p. 272), a Segunda Sofística foi um acontecimento em que vários sofistas e escritores helenizados, que viviam no Império Romano, afirmaram sua identidade grega em torno de sua própria cultura, através da literatura e da retórica, estabelecendo um novo posicionamento cultural¹⁷. De acordo com Abraham (2014, p. 478), atribui-se a autoria do termo Segunda Sofística a Filóstrato, pois ele teria aparecido pela primeira vez em *VS*, de acordo com os documentos mais antigos que chegaram até a atualidade.

Já na *Vida de Apolônio de Tiana*, Filóstrato se utiliza do personagem Apolônio para destacar aspectos da cultura grega clássica. Se, para Heródoto, era considerado grego quem era nascido em terras gregas, falava grego e compartilhava de hábitos e costumes similares, na *VA* são outros os aspectos enfatizados. Aqui, percebemos que possuir a cultura grega do período clássico, através do domínio da língua, da literatura e da filosofia, tem um valor maior do que ter nascido na Grécia.

Nesse sentido, a palavra bárbaro, cuja etimologia remete a “estrangeiro que fala de forma balbuciante e não se entende o que diz”, adquire outra dimensão. No período das Guerras Médicas (século V a.C), “bárbaro” tinha o sentido de “não grego”, criando então a oposição entre Ἕλλην e βάρβαρος¹⁸. Assim, a língua era a maior marca de distinção de quem era grego ou não. Whitmarsh (2001, p. 272) afirma que, na Atenas dos séculos V - IV a.C., o

¹⁷ Atualmente é comum a ideia de que os filósofos e os sofistas desempenhavam os mesmos papéis durante o “renascimento cultural grego”, ocorrido nos três primeiros séculos a.C., advinda com a Segunda Sofística. O estudo de Sidebottom, 2009, p. 69 – 99 é indicado para tratar sobre esse assunto.

¹⁸ Chantraine, 1968, p. 164 – 165.

dialeto ático era usado pela elite intelectual, em oposição ao demótico, falado pelo povo, sendo essa uma das maiores distinções sociais. Mesmo não sendo ateniense, Apolônio, na VA, fala habilmente o ático: “Sua língua era o ático e isso não mudava por causa do seu sotaque, dada a sua região de origem” (ἢ γράμματα, μνήμης τε ἰσχύον ἐδήλου καὶ μελέτης κράτος, καὶ ἡ γλωττα Ἀττικῶς εἶχεν, οὐδ’ ἀπήχθη τὴν φωνὴν ὑπὸ τοῦ ἔθνους. VA, I, 7).

Quando Apolônio conheceu seu companheiro de viagens e futuro discípulo, Dâmis, este se dispôs a guiá-lo e a ser seu tradutor. Todavia, como resposta, Apolônio diz que entendia todas as línguas, mesmo sem ter aprendido nenhuma, pois entendia o silêncio (VA, I, 19). A dispensa de um tradutor só se torna eficaz para Apolônio pelo fato de que, em seus encontros com outros povos, alguém sempre falava grego (REGGER, 2007, p. 262). Dada a improbabilidade de esses fatos terem ocorrido, dessas coincidências, interpretamos que o monolinguismo dos encontros é uma das estratégias que Filóstrato encontrou para valorizar a língua grega no contexto da Segunda Sofística.

Além disso, outros aspectos da cultura grega clássica são retomados quando Apolônio demonstra ter domínio da literatura, da filosofia e da mitologia. São citados: os poemas homéricos *Iliada* e *Odisseia* (VA, II, 14; III, 27; V, 7, 14, 22, 26, 36; VIII, 4, 5, 7, 16, 11, 13), Hesíodo (VA, V, 21), Esopo (VA, V, 14), Arquíloco (VA, II, 7), Ésquilo (VA, VI, 11), Sófocles (VA, IV, 38; VI, 4), Eurípidés (VA, II, 14, 32; IV, 21; VII, 5, 14), Píndaro (VA, VI, 26), Tucídides (VA, VII, 25), Sócrates (VA, VI, 10, 19; VIII, 2) e Platão (VA, IV, 36; VII, 3).

Sendo integrante de uma elite, cabia a Filóstrato resgatar sinais e traços de uma antiga identidade grega e tentar recompô-la e reativá-la, construindo um modelo exemplar do que é ser grego, com a figura de Apolônio.

As elites gregas podem, ou melhor, devem ir a fundo em sua cultura – é por ela, graças a ela que podem reivindicar seu lugar e legitimar seu direito nesse império greco-romano, cuja sorte foi decidida na Batalha de Ácio. Tal é o sentido desse movimento literário e político, dessa estratégia cultural chamada Segunda Sofística. *A Vida de Apolônio* é parte do empreendimento de reconquista e de re-apropriação ativa do passado grego, participando de sua recriação – do processo, em atividade em toda sociedade viva, de fabricação ou de invenção da tradição.” (HARTOG, 2004, p. 21, tradução de Jacyntho Lins Brandão).

Essa re-apropriação e recriação se torna muito mais aparente quando Filóstrato descreve a viagem de Apolônio à Índia. Lá, ele se comunica com os indianos em grego e se admira com o conhecimento que eles têm dessa língua (VA, III, 12). Na sua primeira estada,

Apolônio é acolhido pelo rei Fraotes, de Taxila. Em um primeiro momento, os dois se comunicam com o intermédio de um intérprete, até o rei lhe confessar que também falava grego:

‘ἔδεισα’ ἔφη ‘θρασὺς δόξαι μὴ γινώσκων ἑμαυτὸν, μηδ’ ὅτι βάρβαρον εἶναι με δοκεῖ τῇ τύχῃ, σοῦ δὲ ἡττηθεῖς, ἐπειδὴ καὶ σὲ ὁρῶ ἐμοὶ χαίροντα, οὐκ ἠδυνήθην ἑμαυτὸν κρύπτειν, ὡς δὲ μεστός εἰμι τῆς Ἑλλήνων φωνῆς, ἐν πολλοῖς δηλώσω.’ (VA, II, 27).

Eu receava você achar que eu fosse arrogante quando ainda não me conhecia a mim mesmo, e pensar que eu fosse um bárbaro não por decisão da sorte. Mas, após ter te cativado, porque vejo que me estimas, não posso me esconder, assim te convencerei de várias formas que sou bem proficiente na língua grega

Ademais, o rei hindu também evidencia que a filosofia grega é altamente estimada em seu país (VA, II, 30) e menciona ter lido uma peça denominada “Os filhos de Hércules”, passando a impressão de que leituras desse gênero eram comuns para ele (VA, II, 32). Fraotes também interage com a cultura grega através da prática de esportes:

τὰ δὲ ἐφ’ ἐκάτερα δρόμοι ἦσαν, ἐν οἷς ἀκοντίῳ τε καὶ δίσκῳ τὸν Ἑλληνικὸν τρόπον ἑαυτὸν ἐξήσκει, καὶ γὰρ τὸ σῶμα ἔρρωτο ὑπὸ τε ἡλικίας — ἑπτὰ γὰρ καὶ εἴκοσιν ἔτη γεγονὼς ἦν — ὑπὸ τε τοῦ ὄδε γυμνάζεσθαι. ἐπεὶ δὲ ἰκανῶς ἔχοι, ἐπήδα ἐς τὸ ὕδωρ καὶ ἐγύμναζεν ἑαυτὸν τῷ νεῖν. ὡς δὲ ἐλούσαντο, ἐβάδιζον ἐς τὸ συσσίτιον ἐστεφανωμένοι, τουτὶ δὲ νενόμισται Ἴνδοις, ἐπειδὴν ἐς τοῦ βασιλέως πίνωσιν. (VA, II, 27)

havia em ambos lados pistas de corrida, nas quais à maneira grega se exercitava em dardo de arremesso e disco, pois tinha o corpo forte pela idade –ele tinha vinte e sete anos – e por praticar ginástica assim. Depois de se exercitar o suficiente, ele saltava na água e treina por conta própria natação.

Ao final da estadia de Apolônio junto a Fraotes e antes de ele partir a caminho de Paraca, cidade dos brâmanes, o rei escreve uma carta de recomendação, em grego, a Iarcas, o homem mais antigo e sábio entre os brâmanes hindus. Chegando lá, Apolônio se surpreende ao ser recebido por um mensageiro que também falava a língua grega (VA, III, 12). Além disso, depois de ler a carta de Fraotes, Iarcas faz uma breve correção, demonstrando grande domínio da língua grega:

τὸν δὲ Ἀπολλώνιον ἰδὼν φωνῆ τε ἠσπάσατο Ἑλλάδι καὶ τὰ τοῦ Ἰνδοῦ γράμματα ἀπήτει. θαυμάσαντος δὲ τοῦ Ἀπολλωνίου τὴν πρόγνωσιν καὶ γράμμα γε ἐν ἔφῃ λείπειν τῇ ἐπιστολῇ, δέλτα εἰπὼν, παρήλθε γὰρ αὐτὸν γράφοντα. (VA, III, 16).

Ao vê-lo Apolônio o saudou em língua grega e lhe pediu a carta do hindu. Apolônio se surpreendeu com sua clarividência e Iarcas reparou que faltava uma letra na carta, um delta, seguramente, que a quem escreveu tinha passado despercebido.

Em outro episódio, Dâmis, companheiro de viagem de Apolônio, também se admira com o conhecimento do brâmane com relação ao grego:

ταῦτα τοῦ Ἰνδοῦ διελθόντος ἐκπεσεῖν ὁ Δάμις ἑαυτοῦ φησιν ὑπ' ἐκπλήξεως καὶ ἀναβοῆσαι μέγα, μὴ γὰρ ἂν ποτε νομίσαι ἄνδρα Ἰνδὸν ἐς τοῦτο ἐλάσαι γλώττης Ἑλλάδος, μηδ' ἂν, εἴπερ τὴν γλῶτταν ἠπίστατο, τοσηδε εὐροία καὶ ὥρα διελθεῖν ταῦτα. (VA, III, 36)

Enquanto o indiano discorria sobre estas coisas, Damis afirma que ficou espantado e que ele falou com fluência. Ele jamais havia pensado que um indiano poderia dominar assim a língua grega, aliás, nem pensava que um indiano conhecesse a língua grega, tamanha foi a fluência e a conveniência com que ele discorreu.

Além do conhecimento linguístico, alguns dos costumes e dos rituais dos sábios hindus também estão ligados à cultura grega: i) o momento em que os sábios cantam uma canção que se assemelha ao peã de Sófocles, cantado em Atenas em honra a Asclépio (VA, III, 17); ii) quando citam Homero (VA, III, 20, 22, 27); iii) discutem sobre justiça (VA, III, 24), sobre a moral grega (VA, III, 25), sobre mitos gregos (VA, III, 25), filosofia (VA, III, 28) e cosmogonia (VA, III, 34). Esses aspectos serão analisados no terceiro capítulo desse trabalho.

1.4. Por que a Índia?

Geograficamente, na Antiguidade Clássica, reconhecia-se como Índia a região que se estendia do rio Indo até a costa ocidental da Península Índica. Os principais acessos entre essa região e o Mediterrâneo eram feitas, sobretudo, através do Mar Árábico, do Golfo Pérsico e do Mar Vermelho; ou ainda pelo planalto indiano, Pérsia e Mesopotâmia. Fora isso, a Bactriana e o Punjab (atuais Afeganistão e Paquistão) também eram consideradas como de domínio hindu (RODRIGUES, 2016, p. 168).

Todo esse território é um dos que mais se destaca na literatura grega antiga como um produtor de maravilhas. O verbete θαυμάσιος significa maravilhoso, admirável e espantoso¹⁹. Há também, de mesma raiz, o verbo θαυμάζω, cujo sentido é o de surpreender-se, ver com espanto ou admiração, admirar, venerar²⁰, e o substantivo θαῦμα, maravilha, respectivamente. Esses termos são comumente utilizados pelos escritores gregos para descrever a Índia e seu povo.

Como exemplo mais antigo, temos Cílix de Carianda (séc. VI a.C), marinheiro e explorador grego. Participou, entre 519 e 512 a.C., da expedição do rei persa Dario I para explorar o curso do rio Indo. Após ter alcançado o mar, ele não apenas navegou pelo oceano Índico, mas foi até o mar Vermelho, explorando algumas regiões da Arábia, tendo concluído essa viagem em trinta meses (HERÓDOTO, *Hist.*; IV, 44). Com isso, Cílix teria contribuído para a Índia ser vista como uma região repleta de maravilhas e socialmente perfeita, cuja população detinha grande sabedoria (ESPELOSÍN; LARGACHA; GIRVÉS, 1994, p. 198).

Heródoto também descreveu sobre a Índia e seu povo em suas *Histórias*. Nessa obra, tudo o que é relacionado aos hindus e ao seu país é tido como estranho e maravilhoso. A exemplo disso, o autor nos informa que os indianos têm relações sexuais em público, como animais (*Hist.*, III, 101), e que, alguns deles, os *padeus*, se alimentam de carne humana, matam os enfermos, sacrificam e comem os idosos (*Hist.*, III, 99). Outros, não têm casa e se alimentam só de ervas (*Hist.*, III, 100). Nesse sentido, Morais (2004, p. 54 e 76) comenta que a descrição dos comportamentos hindus feita por Heródoto se assemelha mais à dos selvagens, e que, dessa forma, eles não transmitiriam sabedoria aos demais povos, sendo seus costumes estranhos e opostos aos da civilização, mostrando uma visão completamente diferente da exposta por Cílix.

Ctésias de Cnido (séc. V-IV a.C) também escreveu sobre a Índia e seu povo. Diferentemente dos outros autores, Ctésias compôs um livro dedicado inteiramente a esse tema, no qual descreve a geografia e a etnografia hindus, os Ἰνδικά (*Sobre a Índia*). A partir dos fragmentos remanescentes, descobrimos, por um lado, uma Índia povoada apenas por seres híbridos e monstros selvagens, como a μαρτιχόρα (manticora) (fr. VII) e o pássaro δίκαιρον (*dikairon*) (fr. XVII). Por outro lado, sua população se restringe a seres humanoides, com costumes distintos e estranhos, como os κυνοκέφαλοι (cinocéfalos) (fr. XX) e os πυγμαῖοι (pigeus) (fr. XI).

¹⁹ Bailly, 2000, p. 918.

²⁰ Bailly, 2000, p. 918.

Até mesmo as dimensões e as quantidades tornam a natureza e a geografia extraordinárias: o rio Indo mede 40 estádios²¹ de largura e 200 de extensão (fr. I), existe uma fonte na qual, ao invés de fluir água, jorra ouro líquido (fr. IV). É diverso também por suas cores, como as da ave βυττάκου (*bittakos*), cuja face é cor de púrpura, a barba escura e a sua nuca é escura tal qual cinábrio (fr. III). Romm (1989, p. 121 - 135 *apud* SANO, 2008, p. 68) considera que foi Ctésias o fundador de uma tradição literária que descreve as “maravilhas da Índia”, e que alguns dos acontecimentos narrados por ele encontrariam antecedentes no folclore indiano.

Nesse período, houve também um desenvolvimento da prosa escrita, tanto do romance quanto da historiografia. Assim, gêneros literários, como a paradoxografia, a fábula e o próprio romance seguiram diferentes abordagens da realidade. O caso da Índia é indicativo de novos desenvolvimentos: suas características distintivas podem ser atribuídas a um período anterior da cultura grega, mas é no próprio período helenístico que eles se juntam com uma nova intensidade (PARKER, 2008, p. 47). Com isso, maravilhas e monstros caracterizaram as narrativas sobre esse país. Além disso, uma outra peculiaridade da Índia era o fato dela ser descrita como a fronteira do mundo. A própria obra de Ctésias informava que não havia população além do rio Indo²².

Seguindo essa lógica, Alexandre, o Grande, preparou uma expedição com o intuito de conquistar as terras indianas, acreditando ser a Índia o limite do mundo. Essa campanha teve, por outro lado, um grande efeito no que diz respeito ao acesso de informações que os gregos tinham, até então, sobre a Índia (PARKER, 2008, p. 59).

Séculos mais tarde, Luciano de Samósata (125-180 d.C), em suas *Narrativas Verdadeiras*, menciona Ctésias, chamando-o de mentiroso²³ por conta de suas obras. Isso não só sintetizou a má reputação de Ctésias, como também retomou o debate acerca de narrativas sobre fatos verdadeiros e ficcionais (PARKER, 2008, p. 47). Assim, a Índia continuou a ser um dos temas principais no contexto do discurso do maravilhoso.

Outros escritores que escreveram sobre a Índia foram: Megástenes (século IV a.C), em sua obra *Índica*; Estrabão (século I a.C), em *Geografia*; Cláudio Eliano (século I), em *Sobre a natureza dos animais*; Xenofonte de Éfeso (século II – I), em *Efésíacas*; Arriano de

²¹ Medida de percurso equivalente a 177,60 m.

²² “Que homens não habitam além de lá”. Texto grego: Περὶ τοῦ μὴ οἰκεῖν ἐπέκεινα αὐτῶν ἀνθρώπους. (*Indiká*, frag. I).

²³ “Ctésias de Cnido, o filho de Ctesioico, escreveu acerca do país dos indianos e do que existe lá, coisas que ele próprio não viu nem ouviu de alguém que dizia a verdade.” Tradução de Sano, 2008, p.6. Texto grego: Κτησίας ὁ Κτησιόχου ὁ Κνίδιος, ὃς συνέγραψεν περὶ τῆς Ἰνδῶν χώρας καὶ τῶν παρ’ αὐτοῖς ἃ μῆτε αὐτὸς εἶδεν μῆτε ἄλλου ἀληθεύοντος ἤκουσεν. (*Narrativas Verdadeiras*, I, 3).

Nicomédia (século II), em sua *Anábase de Alexandre*; e Nono de Panópolis (século V), em sua *Dionisiacas*.

Em síntese, a *Vida de Apolônio de Tiana* se mostra inovadora ao abordar a temática do maravilhoso, juntamente com o resgate dos valores culturais clássicos. Além de encontrarmos vestígios dessa tradição repleta de maravilhas e características peculiares, acompanhamos Apolônio em uma jornada em busca da sabedoria.

CAPÍTULO II

O MUNDO NATURAL HINDU EM VA

A partir das fontes brevemente analisadas no primeiro capítulo, vimos que a Índia é um lugar de destaque nas narrativas gregas antigas devido ao seu exotismo e sua diversidade natural. Na VA, curiosamente, o caminho feito por Apolônio é marcado não apenas por esse exotismo, mas principalmente pelos vestígios encontrados de um passado grego. Apolônio se depara com rastros de Dioniso, do macedônio Alexandre e faz alusões a escritores gregos antigos, como Heródoto e Ctésias de Cnido. Assim, será com base nessas referências, bem como o mundo natural hindu narrado, que mostraremos uma Índia descrita sob a ótica de Filóstrato.

2.1. Um templo dionisiaco na Índia

Algumas das remissões que comentávamos há pouco se dão na chegada de Apolônio e de seus companheiros à Índia. Seguindo o relato de Filóstrato, para adentrarem a região rumo à cidade dos brâmanes, Paraca, os viajantes precisariam passar por uma montanha, Nisa. Ao se aproximarem desta, o guia de viagem os informou de que Dioniso “agia” sobre ela e, por isso, Apolônio supôs que lá aconteciam coisas maravilhosas (θαυμαστὰ) (VA, II, 7). Ao subirem, se depararam com um templo abandonado do deus:

ἀνελθόντες οὖν ἱερῷ Διονύσου ἐντυχεῖν φασιν, ὃ δὴ Διόνυσον ἑαυτῷ φυτεῦσαι δάφναις περιεστηκυῖαις κύκλῳ, τοσοῦτον περιεχούσαις τῆς γῆς, ὅσον ἀπόχρη νεῶ ζυμμέτρῳ, κιττόν τε περιβαλεῖν αὐτὸν καὶ ἀμπέλους ταῖς δάφναις, ἄγαλμά τε ἑαυτοῦ ἔνδον στήσασθαι γινώσκοντα ὡς ζυμφύσει τὰ δένδρα ὁ χρόνος καὶ δώσει τινὰ ἀπ’ αὐτῶν ὄροφον, ὃς οὕτω ζυμβέβληται νῦν, ὡς μήτε ὕεσθαι τὸ ἱερόν μήτ’ ἀνέμῳ ἐσπνεῖσθαι. δρέπανα δὲ καὶ ἄρριχοι καὶ ληνοὶ καὶ τὰ ἀμφὶ ληνοὺς ἀνάκειται τῷ Διονύσῳ χρυσᾶ καὶ ἀργυρᾶ καθάπερ τρυγῶντι. τὸ δὲ ἄγαλμα εἴκασται μὲν ἐφήβῳ Ἴνδῷ, λίθου δὲ ἕξεσται λευκοῦ. ὀργιάζοντος δὲ αὐτοῦ καὶ σείοντος τὴν Νῦσαν ἀκούουσιν αἱ πόλεις αἱ ὑπὸ τῷ ὄρει καὶ ζυνεξαίρονται. (VA, II, 8)

Tendo eles subido [a montanha], dizem que se depararam com um templo de Dioniso, o qual foi plantado pelo próprio Dioniso, que plantou loureiros rodeando em círculo, tão grande que envolve a terra, quanto bastava a um templo simétrico. E ele também colocou ao redor dos loureiros hera e videira, ergueu uma estátua para si mesmo, sabendo que no tempo em que as árvores crescessem juntas, elas mesmas umas sobre as outras dariam um teto, com o qual assim se deparam agora, então a chuva não o molha nem o vento sopra sobre o templo. E havia foices, cestas e vasos, e ao redor havia vasos consagrados a Dioniso, como se fossem para um colhedor de uvas, dourados e prateados. E a estátua se assemelha a um jovem indiano, e era de pedra branca. E ele celebrando e fazendo tremer o Nisa, as cidades abaixo da montanha ouvem e se afervoram.

Logo em seguida, o autor resume uma discussão entre indianos e gregos a respeito de Dioniso. Por um lado, os gregos diziam que Dioniso teria feito uma expedição à Índia, tanto como soldado quanto como farrista. Esses argumentos seriam embasados em uma oferenda existente em Delfos, onde, dentre os tesouros preservados, havia um disco de prata indiana com a seguinte inscrição: “Dioniso o [filho] de Sêmele e de Zeus, dos hindus, a Apolo de Delfos” (ΔΙΟΝΥΣΟΣ Ο ΣΕΜΕΛΗΣ ΚΑΙ ΔΙΟΣ ΑΠΙΟ ΙΝΔΩΝ ΑΠΟΛΛΩΝΙ ΔΕΛΦΩΙ. VA, II, 9). Essa pode ser uma alusão à *Biblioteca Histórica*, de Diodoro Sículo (90 - 30 a.C), na qual o autor narra a expedição bélica e festejadora de Dioniso à Índia e o apresenta como divindade civilizadora que, ao chegar a um povo nômade, confere-lhes os atributos de sua própria cultura (PARKER, 2008, p. 47)²⁴.

Os indianos, por outro lado, apontavam duas diferentes origens para Dioniso. Os que habitavam a região do Cáucaso e ao longo do rio Cófén afirmavam que Dioniso fora um visitante assírio, conhecedor do deus tebano e de seus feitos. Já os que habitavam entre o rio Indo, Hidraotes e a região continental até o rio Ganges, declaravam que o verdadeiro Dioniso era filho do próprio rio Indo. Por sua vez, o Dioniso de Tebas tornara-se seu discípulo e, tomando o seu tirso, passara a utilizá-lo em suas orgias. Esse Dioniso de Tebas afirmava ser filho de Zeus e ter sido criado na coxa de seu pai até nascer. Zeus, então, encontrou uma montanha chamada Μηρόν (“coxa”), fronteira com o monte Nisa, e nela plantou videiras em homenagem a seu filho (VA, II, 9).

²⁴ Em *Biblioteca Histórica*, Diodoro Sículo apresenta também Hércules como divindade civilizadora na Índia; porém, na VA, Hércules tem origem egípcia, e não grega (VA, II, 3).

Segundo Grimal (2005, p. 122), após ter nascido da coxa de Zeus e ser levado para longe da Grécia, para Nisa, seu pai o transformou em cabrito, para que Hera, raivosa, não o reconhecesse. Quando se tornou adulto, descobriu a videira e o seu uso. Sofreu ainda alguns impasses com Hera, até que, em um dado momento, Dioniso se dirigiu à Índia, região que conquistou numa expedição semiguerreira, semidivina, subjulgando seu povo pela força das armas, pois ele levava consigo um exercíto. A partir de então, originou-se o cortejo triunfal de que se fazia acompanhar: o carro puxado por panteras e ornamentado com parras, os Silenos, as Bacantes, os Sátiros e outras divindades menores.

Assim como Dioniso é tido como uma divindade marginal e exilada nas histórias clássicas, a Índia, por sua vez, também representava a margem do mundo, uma terra desconhecida e diversa. Na VA, a interação dos hindus com essa divindade aparece de forma tão difundida que ele é chamado de Nísio (Νύσιος) pelos indianos e por todos os outros povos além da Nisa (VA, II, 2).

2.2. Seguindo os passos de Alexandre, ultrapassando limites

Como discutido anteriormente, os gregos já tinham algumas informações a respeito da Índia no século IV a.C. Porém, esta visão foi bastante ampliada e modificada após Alexandre suceder seu pai, Filipe II da Macedônia, e realizar uma campanha de conquista da região entre 327 e 325 a.C. Com isso, ele expandiu os limites orientais do mundo grego, avançando para além da fronteira da Índia até a bacia do rio Ganges (COURCELLES, 2014, p, 324).

Ao tentar reconstruir a expedição de Alexandre à Índia, o maior problema que os historiadores têm enfrentado é o da escassez de fontes. As dificuldades se dão pelo fato de que os primeiros registros existentes, que chegaram até nós, são de cerca de três séculos depois de sua ocorrência, provavelmente reflexos dos relatos perdidos de Calístenes (360-328 a.C), Onesícrito (360-290 a.C.), Aristóbulo (375-301 a.C.) e de Nearco. Ainda assim, existem sérias dúvidas sobre o caráter dessas fontes, e em que medida elas poderiam ser reconstruídas (PARKER, 2008, p. 34).

Não obstante, quatrocentos anos depois, Apolônio ainda encontra vestígios da passagem de Alexandre pela Índia. Há resquícios do contato que Alexandre teve com o rei hindu Poro e do embate travado entre os dois, conhecido como a Batalha de Hidaspes. Na

região de Taxila, fortificada à maneira grega, existia um templo, de aproximadamente cem pés de altura, no qual estavam gravadas as façanhas de ambos os reis (VA, II, 20). Segundo Filóstrato, essas gravuras registravam o momento em que Poro, ferido, era restabelecido como sátrapa após a vitória de Alexandre. Ainda segundo o autor, Poro, ao saber da morte do rei macedônio, havia lhe dedicado essas gravuras e passado a se portar de forma moderada, guiando suas ações pelo desejo de agradar a Alexandre (VA, II, 20).

Partindo de Taxila, Apolônio se deparou com uma estátua de Alexandre, em uma biga de quatro mastros, representando, ao que Filostrato sugere, o momento em que ele confrontou os sátrapas de Dario. Um pouco mais adiante, encontrou dois portões, um deles com a estátua do rei Poro, e o outro com uma estátua de Alexandre, reproduzindo o momento em que os dois se saudaram após a batalha de Hidaspes (VA, II, 42).

Após atravessarem o rio Hidraotes e alcançarem o Hifásis, Apolônio e seus companheiros de viagem encontraram também altares dedicados a Alexandre (VA, II, 43). Neles, havia uma coluna de metal na qual estava inscrito: “Alexandre avançou até aqui” (ΑΛΕΞΑΝΔΡΟΣ ΕΝΤΑΥΘΑ ΕΣΤΗ), “para honrar o limite do seu Império” (τὸ τῆς ἑαυτοῦ ἀρχῆς τέρμα τιμῶντος). Porém, adiante desse marco, para além do Hifásis, Filóstrato afirma que os hindus ergueram uma outra coluna, esta para marcar o orgulho dos indianos por Alexandre não ter avançado mais em seu território (VA, II, 43). Do mesmo modo, quando Apolônio estava em contato com os brâmanes hindus, há a menção de que aquele local nunca fora visitado por Alexandre (VA, II, 33).

A nosso ver, neste ponto Filóstrato sobrepõe Apolônio a Alexandre. Se, por um lado, Alexandre tinha sido o único ocidental a alcançar aquelas fronteiras, por outro, Apolônio as ultrapassa e adentra ainda mais nas terras hindus. Assim, na VA, Alexandre é lembrado pela sua grandeza e por seus feitos passados, mas também por suas limitações. Nesse sentido, Abraham (2014, p. 467) argumenta que Filóstrato sobrepõe a campanha do conquistador à jornada do filósofo e, ao fazer contínuas menções aos memoriais de Alexandre, transforma a expedição de Apolônio em uma reconstituição da expedição de Alexandre.

2.3. O maravilhoso em VA

O relato etnográfico do viajante que narra as maravilhas encontradas em suas aventuras entre os confins do mundo e as fronteiras do conhecido/desconhecido é um *tópos* do discurso geográfico. Com raízes em Homero, esse tipo de narrativa foi se consolidando cada vez mais e, a partir da *autópsia* de Heródoto, ou seja, o processo de ver com os próprios olhos, o viajante passou a discursar com mais autoridade, pois fala de algo que vira com os próprios olhos e que supostamente nenhum outro grego tinha visto²⁵.

Nos poemas homéricos e hesiódicos o θαυμάσιος, o maravilhoso, é qualificado e dimensionado com o uso de adjetivos:

Para qualificar o *thôma*²⁶, Homero e Hesíodo utilizam o adjetivo “grande” (*mégas*); mas essa grandeza de *thôma* não se mede; associado a *mégas* encontramos, com efeito, *deinós*, terrível, formidável. O “milagre” é, pois, grande ou terrível – e grande porque terrível (HARTOG, 2014, p. 265, tradução de Jacyntho Lins Brandão).

Exemplos do uso desses adjetivos empregados com essa denotação estão nos trechos abaixo: na Odisseia, como atributo da voz de Zeus, na *Ilíada* com relação à dimensão da peleja do combate, e na *Teogonia* como característica de um monstro.

Ἦὼς δ' ἐκ λεχέων παρ' ἀγαυοῦ Τιθωνοῖο
ᾧρυσθ', ἴν' ἀθανάτοισι φάος φέροι ἠδὲ βροτοῖσιν:
οἱ δὲ θεοὶ θῶκόνδε καθίζανον, ἐν δ' ἄρα τοῖσι
Ζεὺς ὑψιβρεμέτης, οὗ τε κράτος ἐστὶ μέγιστον.

Alça-se a Aurora do leito onde estava o preclaro Titono,
para que a luz aos eternos levasse e aos mortais transitórios,
quando nos tronos os deuses se foram sentar, tendo ao meio
Zeus, cuja voz é atroante, de força e poder muito **grandes**.
(*Od.*, V, 1-4, tradução de Carlos Alberto Nunes)

²⁵ Morais (2008, p. 17) examina a relação entre ver e maravilhar-se em Heródoto, já Parker (2008, p. 119) discute sobre a autópsia como ferramenta de autoridade em um discurso.

²⁶ A palavra θαῦμα aparece em Heródoto como θῶμα (CHANTRAINE, 1968, p. 424).

‘αἰδῶς Ἀργεῖοι, κοῦροι νέοι: ὕμιν ἔγωγε
μαρναμένοισι πέποιθα σαωσέμεναι νέας ἀμάς:
εἰ δ’ ὑμεῖς πολέμοιο μεθήσετε λευγαλέοιο,
νῦν δὴ εἶδεται ἡμᾶρ ὑπὸ Τρώεσσι δαμῆναι.
ὦ πόποι ἦ **μέγα** θαῦμα τόδ’ ὀφθαλμοῖσιν ὀρῶμαι
δεινόν, ὃ οὐ ποτ’ ἔγωγε τελευτήσεσθαι ἔφασκον

“Vergonha, Argivos, jovens mancebos! Na vossa peleja
confiava eu para que se salvassem as nossas naus.
Mas se vós desistis da guerra angustiosa, agora
chega o dia de sermos subjugados pelos Troianos.
Ó amigos, **grande** é a maravilha que meus olhos contemplan,
coisa **terrível**, que nunca pensei poder vir a cumprir-se!”
(*Il.*, XIII, 95-100, tradução de Frederico Lourenço)

ἦ δὲ Χίμαιραν ἔτικτε πνέουσιν ἀμαιμάκετον πῦρ,
δεινὴν τε μεγάλην τε ποδώκεά τε κρατερὴν τε:
τῆς δ’ ἦν τρεῖς κεφαλαί: μία μὲν χαροποῖο λέοντος,
ἦ δὲ χιμαίρης, ἦ δ’ ὄφις, κρατεροῖο δράκοντος,
πρόσθε λέων, ὀπιθεν δὲ δράκων, μέσση δὲ χίμαιρα,
δεινὸν ἀποπνεύουσα πυρὸς μένος αἰθομένοιο.

Ela [a Víbora] pariu a Cabra que sopra irrepelível fogo,
a **terrível** e grande e de pés ligeiros e cruel,
tinha três cabeças: uma de leão de olhos rútilos,
outra de cabra, outra de víbora, cruel serpente.
Na frente leão, atrás serpente, no meio cabra,
expirando o **terrível** furor do fogo aceso.
(*Teog.*, 319-324, tradução de Jaa Torrano)

Posteriormente, outros recursos passaram a ser incorporados a essa forma de narrativa, e operações como avaliar, medir e contar, se tornaram necessárias para traduzir o θαυμάσιος do mundo narrado. Além disso, a quantidade de θαυμάσιος dita a extensão da narrativa: quanto mais θαυμάσιος houver, maior será o prolongamento da história. Com isso, o narrador é quem confere ao leitor as medidas do que se conta, em um processo no qual há um efeito de realidade causado pelo narrador, em que o viajante “faz crer” no que está sendo contado sobre o outro. Desse modo, o θᾶμα é um *tópos* do discurso etnográfico (HARTOG, 2014, p. 261 – 263).

A VA também nos é apresentada sob essa perspectiva: uma narrativa repleta de θαύματα de diversos tipos, com uma grande variedade de animais exóticos, lugares de geografia inusitada, objetos e obras de arte magníficas e povos com costumes e culturas inimagináveis. Além dessas características, tanto as viagens quanto os milagres de Apolônio também são exemplos de θαύματα (ELSNER, 1997, p. 25).

Como mencionado no primeiro capítulo, diversas características a respeito da Índia já estavam presentes tanto em Heródoto quanto em Ctésias. A influência desses dois autores é bem evidente no terceiro livro da VA, onde muitas dessas maravilhas são desmitificadas ou confirmadas por Apolônio, que as põe em xeque em um diálogo com o sábio Iarcas.

Além do que era exótico e visualmente impactante, séculos mais tarde outro aspecto do maravilhoso da Índia se tornou um *tópos* literário: a sabedoria dos brâmanes e dos gminosofistas²⁷ das histórias de Alexandre e da tradição do *Romance de Alexandre*. Se, por um lado, os brâmanes não foram tratados nas narrativas de Ctésias e de Heródoto, a partir desse momento eles se tornariam uma característica importante da indografia greco-romana. (PARKER, 2008, p. 143 e 251). Na VA, eles ocupam um papel central, pois chegar até eles era o objetivo principal de Apolônio (VA, I, 18, 32; II, 11; III, 16, 29; IV, 47), e esse contato com eles também é parte do conteúdo maravilhoso da obra.

2.3.1. As maravilhas da Índia

Animais, monstros, seres híbridos, dimensões, cores, lugares, construções exuberantes, pedras e riquezas compõem a Índia como um país exótico, diverso, selvagem e maravilhoso na indografia greco-romana. Se Hartog (2014, p. 261-263) afirma que a quantidade de θαυμάσιος dita a extensão da narrativa, podemos afirmar que a Índia descrita por Filóstrato é extensa, rica e profunda em suas peculiaridades. Abaixo, estão traduzidas passagens que remetem ao conteúdo maravilhoso dessa obra, listadas e divididas em grupos. Os grupos arrolados são: i) lugares, onde estão descritas montanhas, planícies e cidades; ii) hidrografia, com os nomes, dimensões e particularidades dos rios mencionados no texto; iii) o clima da Índia; iv) animais, onde são detalhadas suas

²⁷ Às vezes os dois termos são usados de forma intercambiável, às vezes eles se referem a diferentes grupos. Em alguns casos, o termo é usado para se referir a sacerdotes egípcios, como em Filóstrato (PARKER, 2008, p. 255)

particularidades e as estórias associadas a eles; v) seres exóticos, compostos por humanoides, seres híbridos e povos de cultura inusitada.

Identificamos também na VA uma forte influência de Heródoto e de Ctésias, que iniciaram essa tradição a respeito da Índia. As descrições que aludem a esses dois autores estão mencionadas ao longo do texto, e os trechos referidos a eles estarão expostos junto com os da VA. Quando houver uma referência em comum entre os três autores, respeitaremos a ordem cronológica entre eles.

2.3.1.1. Lugares

Durante a jornada de Apolônio, são descritos os lugares por onde ele passa e suas impressões. Em seu itinerário pela Índia, Apolônio passa pela cordilheira do Cáucaso, registrando o aroma de canela e a árvore de pimenta existentes lá, passa por uma pedra chamada “Sem pássaros”, pela planície irrigada do Ganges, por Taxila, pelo Templo do Sol, por Paraca, pela torre dos sábios, onde ele vê dois jarros, um de chuva e o outro de vento, além de uma pedra magnética, pelas regiões de Balara, de Selera, de Pegadae, e pela ilha Bímblos.

A cordilheira Cáucaso

É narrado que ao se aproximarem da cordilheira do Cáucaso, Apolônio e seus companheiros sentiram que a terra ficava mais perfumada (VA, II, 1). Sua extensão é enorme, pois considera-se que o início dessa montanha é no Touro e se estende através da Armênia até Mícale, e se estende até a margem do mar onde vivem os carianos. Ao contrário do pico de Mícale, que não é muito grande, os do Cáucaso

καὶ αἱ ὑπερβολαὶ τοῦ Καυκάσου τοσοῦτον ἀνεστᾶσιν, ὥς σχίζεσθαι περὶ αὐτὰς τὸν ἥλιον. περιβάλλει δὲ Ταύρω ἑτέρω καὶ τὴν ὁμορον τῇ Ἰνδικῇ Σκυθίαν πᾶσαν κατὰ Μαιῶν τιν' τε καὶ ἀριστερὸν Πόντον, σταδίων μάλιστα δισμυρίων μῆκος, τοσοῦτον γὰρ ἐπέχει μέτρον τῆς γῆς ὁ ἀγκῶν τοῦ Καυκάσου [...] ὁ δὲ Καύκασος ὀρίζει μὲν

τὴν Ἰνδικὴν τε καὶ Μηδικὴν, καθήκει δὲ ἐπὶ τὴν Ἐρυθρὰν θάλατταν ἐτέρω ἀγκῶνι.
(VA, II, 2)

os picos do Cáucaso são tão elevados que o sol é cortado por eles. Envolve com o resto do Tauro toda a Cítia que faz fronteira com a Índia pelo Meótis e a costa esquerda do Ponto, uma distância quase de 20 mil estádios, pois nada menos que isso é a extensão de terra cercada pela depressão do Cáucaso. [...] O Cáucaso limita Índia e Média, e se estende por outra depressão até o Mar Vermelho.

As montanhas do Cáucaso possuem ainda outras peculiaridades, como por exemplo, os arbustos com cheiro de canela que aromatizam toda aquela região e a árvore de pimenta. Ao atravessarem a parte do Cáucaso que se estende até o Mar Vermelho, sentiram o aroma de canela vinda dos arbustos por toda esse área,

A canela do Cáucaso

Ao atravessarem a parte do Cáucaso que se estende até o Mar Vermelho, e descrito que esta faixa é densamente coberta por arbustos aromáticos de canela.

τοὺς μὲν δὴ πρῶνας τοῦ ὄρους τὸ κιννάμωμον φέρειν, προσεοικέναι δὲ αὐτὸ νέοις κλήμασι, βάσανον δὲ τοῦ ἀρώματος τὴν αἴγα εἶναι: κινναμώμου γὰρ εἴ τις αἰγὶ ὀρέξειε, κνυζήσεται πρὸς τὴν χεῖρα, καθάπερ κύων, ἀπιόντι τε ὀμαρτήσῃ τὴν ῥῖνα ἐς αὐτὸ ἐρείσασα, κἂν ὁ αἰπόλος ἀπάγῃ, θρηγήσῃ καθάπερ λωτοῦ ἀποσπωμένη.
(VA, III, 4)

Os contrafortes da montanha produzem canela, que se assemelha a videiras novas, mas a cabra é a prova de que se trata daquele arbusto aromático, pois se alguém apresenta a canela a uma cabra, ela gane na direção da mão, igual a um cachorro, e ao sair ela o seguirá, apoiando nela o focinho, e se o pastor a afastar, ela se lamentará como privada de loto.

A árvore de pimenta

Nos montes dessa montanha crescem árvores aromáticas muito altas, e existem diversas espécies delas, como é o caso das árvores de pimenta que são cultivadas pelos macacos (VA, III, 4):

τὸ δένδρον ἢ πεπερὶς εἴκασται μὲν τῷ παρ' Ἑλλησιν ἄγνω τά τε ἄλλα καὶ τὸν κόρυμβον τοῦ καρποῦ, φύεται δὲ ἐν τοῖς ἀποτόμοις οὐκ ἐφικτὸς τοῖς ἀνθρώποις, οὗ λέγεται πιθήκων οἰκεῖν δῆμος ἐν μυχοῖς τοῦ ὄρους καὶ ὃ τι αὐτοῦ κοῖλον, οὗς πολλοῦ ἀξίους οἱ Ἴνδοι νομίζοντες, ἐπειδὴ τὸ πέπερι ἀποτρυγῶσι, τοὺς λέοντας ἀπ' αὐτῶν ἐρύκουσι κυσί τε καὶ ὄπλοις. (VA, III, 4)

A árvore de pimenta se parece com o salgueiro dos gregos em tudo, incluindo os ramos do fruto, e cresce em ravinas que o homem não alcança e onde, dizem, habita um povo de macacos, em buracos na montanha e em qualquer concavidade dela, os quais são tidos em alta estima pelos indianos, porque eles colhem as pimentas; eles afastam deles os leões com cães e armas.

A pedra chamada “Sem pássaros”

Há uma pedra perto do monte Nisa que se chamada “Sem Pássaros” (Ἄορνον). Apesar de não terem ido até ela, os viajantes ouviram falar que Alexandre a capturou, e a história que se conta sobre essa pedra está assim descrita:

Ἄορνος δὲ ὀνομάζοιτο οὐκ ἐπειδὴ στάδια πεντεκαίδεκα ἀνέστηκε, πέτονται γὰρ καὶ ὑπὲρ τοῦτο οἱ ἱεροὶ ὄρνιθες, ἀλλ' ἐν κορυφῇ τῆς πέτρας ῥήγμα εἶναι φασι τοὺς ὑπερπετομένους τῶν ὀρνίθων ἐπισπώμενον, ὡς Ἀθήνησί τε ἰδεῖν ἔστιν ἐν προδόμῳ τοῦ Παρθενῶνος καὶ πολλαχοῦ τῆς Φρυγῶν καὶ Λυδῶν γῆς, ὑφ' οὗ τὴν πέτραν Ἄορνον κεκλήσθαι τε καὶ εἶναι. (VA, II, 10)

[a pedra] foi nomeada “Sem Pássaros” não porque alcança quinze estádios, pois os pássaros sagrados voam além dessa altura, mas porque no pico da pedra há, dizem, um abismo que puxa os pássaros, como se vê que acontece também em Atenas, no vestíbulo do Partenon, e em muitos lugares da terra dos frígios e lídios. Por esse motivo a pedra é chamada e de fato é “Sem Pássaros”.

A planície irrigada do Ganges

Após atravessarem o Cáucaso, é descrito que os viajantes viram uma planície lisa com cortes e valas cheias de água, algumas das quais transversais, enquanto outras eram retas. Eram simples afluentes do rio Ganges, dispostas como fronteiras, e irrigavam também a planície, quando a terra estava seca (VA, III, 5). Sobre esta terra:

τὴν δὲ γῆν ταύτην ἀρίστην φασὶ τῆς Ἰνδικῆς εἶναι καὶ μεγίστην τῶν ἐκεῖ λήξεων, πεντεκαίδεκα ἡμερῶν ὁδοῦ μῆκος ἐπὶ τὸν Γάγγην, ὀκτωκαίδεκα δὲ ἀπὸ θαλάσσης ἐπὶ τὸ τῶν πιθήκων ὄρος, ὃ ζυμπαρτείνει. πεδιάς πᾶσα ἢ χώρα μέλαινά τε καὶ πάντων εὐφορος. ἰδεῖν μὲν γὰρ ἐν αὐτῇ στάχους ἀνεστῶτας, ὅσον οἱ δόνακες, ἰδεῖν δὲ κυάμους τριπλασίους τῶν Αἰγυπτίων τὸ μέγεθος σήσαμόν τε καὶ κέγχρον ὑπερφυᾶ πάντα. ἐνταῦθα καὶ τὰ κάρυα φύεσθαι φασιν, ὧν πολλὰ πρὸς ἱεροῖς ἀνακεῖσθαι τοῖς δεῦρο θαύματος ἕνεκα. τὰς δὲ ἀμπέλους φύεσθαι μὲν μικράς, καθάπερ αἱ Λυδῶν τε καὶ Μαιόνων, ποτίμους δὲ εἶναι καὶ ἀνθοσμίας ὁμοῦ τῶ ἀποτρυγᾶν. ἐνταῦθα καὶ δένδρω φασιν ἐντετυχηκέναί προσεοικῶσι τῇ δάφνῃ, φύεσθαι δὲ αὐτοῦ κάλυκα εἰκασμένην τῇ μεγίστῃ ρόα, καὶ μῆλον ἐγκεῖσθαι τῇ κάλυκι κυάνεον μὲν, ὅσπερ τῶν ὑακίνθων αἱ κάλυκες, πάντων δὲ ἥδιστον, ὅποσα ἐξ ὠρῶν ἦκει. (VA, III, 5)

Eles dizem ser esta a melhor terra da Índia e a maior das regiões, sendo de quinze dias a jornada até o Ganges e de dezoito dias do mar até a montanha dos macacos, por onde se estende. Toda a região é uma planície preta e fértil de tudo, pois se pode ver nela espigas crescendo, como os juncos, e se pode ver também favas três vezes maiores que as do tipo egípcio, bem como sésamo e milho crescendo por todas as partes. E eles dizem que também nascem nozes lá, das quais muitas são ofertadas nos templos daqui pelo que têm de admirável. As videiras que crescem são pequenas, como as dos lídios e meônios, boas para beber e aromáticas tão logo se arrancam. Eles dizem que lá se depararam também com uma árvore que se

assemelha ao loureiro, sobre a qual cresce um cálice comparável a uma granada grande, e dentro do cálice está embutido um fruto azulado, como os cálices de jacinto, o mais agradável de todos que as estações trazem.

A região de Taxila

Taxila é uma cidade importante na VA. É nela que Apolônio encontra vestígios de Alexandre e da batalha travada entre o macedônio e o rei indiano Poro, conhecida como a Batalha de Hidaspes. Além disso, é em Taxila que Apolônio tem o primeiro contato com um rei indiano, Fraotes, um dos personagens mais importantes da Índia da VA, devido à forma como governa e a seu conhecimento da cultura grega.

Taxila, segunda a narrativa, tem a dimensão de Nínive e é fortificada da mesma forma que as cidades gregas. Além dessas características que remetem à Grécia, é descrito um templo com o qual se surpreenderam, de tão belo:

νεῶν δὲ πρὸ τοῦ τείχους ἰδεῖν φασιν οὐ παρὰ πολὺ τῶν ἑκατομπύδων λίθου κογχυλιάτου, καὶ κατεσκευάσθαι τι ἱερὸν ἐν αὐτῷ ἦττον μὲν ἢ κατὰ τὸν νεῶν τοσοῦτόν τε ὄντα καὶ περικίονα, θαυμάσαι δὲ ἄξιον: χαλκοῖ γὰρ πίνακες ἐγκεκρότηνται τοίχῳ ἐκάστω, γεγραμμένοι τὰ Πύρου τε καὶ Ἀλεξάνδρου ἔργα: γεγράφεται δὲ ὀρειχάλκῳ καὶ ἀργύρῳ καὶ χρυσῷ καὶ χαλκῷ μέλανι ἐλέφαντες ἵπποι στρατιῶται κράνη ἀσπίδες, λόγχοι δὲ καὶ βέλη καὶ ξίφη σιδήρου πάντα, καὶ ὡσπερ λόγος εὐδοκίμου γραφῆς, οἷον εἰ Ζεύξιδος εἶη τι ἢ Πολυγνώτου τε καὶ Εὐφράνορος, οἱ τὸ εὐσκίον ἠσπασάντο καὶ τὸ ἔμπνουν καὶ τὸ ἐσέχον τε καὶ ἐξέχον, οὕτως, φασί, κάκεῖ διαφαίνεται, καὶ ξυνητήκασιν αἱ ὕλαι καθάπερ χρώματα. ἡδὺ δὲ καὶ αὐτὸ τὸ ἦθος τῆς γραφῆς: (VA, II, 20)

dizem que viram um templo, em frente da muralha, de não muito mais que cem pés de pedra de calcário, e que foi construído dentro dele um santuário, algo menor com relação à grandeza do templo, sendo esse cercado por colunas e digno de maravilhar-se. Havia tábuas de bronze em cada parede do templo, com os feitos de Poro e Alexandre registrados. Foram gravados com oricalco, prata, ouro e bronze escuro elefantes, cavalos, soldados, elmos e escudos, mas lanças, flechas e espadas eram todas de ferro; e como o assunto de uma pintura famosa, tal qual as de Zêuxis, Polignoto ou Eufranor, que gostavam do claro-escuro, do animado, da profundidade

e do relevo, assim, dizem, também ali tudo se mostrava, e os materiais estavam dispostos como cores. E o caráter da pintura era aprazível por si mesmo.

O Templo do Sol

Esse templo também é caracterizado por sua beleza e riqueza e pedras preciosas e imagens, marcando a passagem de Apolônio naquela região.

ἱερὸν δὲ ἰδεῖν Ἥλιου φασίν, ᾧ ἀνεῖτο Αἴας ἐλέφας, καὶ ἀγάλματα Ἀλεξάνδρου χρυσᾶ καὶ Πάρου ἕτερα, χαλκοῦ δ' ἦν ταῦτα μέλανος. οἱ δὲ τοῦ ἱεροῦ τοῖχοι, πυρσαῖς λίθοις ὑπαστράπτει χρυσὸς ἀγλήν ἐκδιδοὺς εἰκῆϊαν ἀκτῖνι. τὸ δὲ ἔδος αὐτὸ μαργαρίτιδος ζύγκειται ζυμβολικὸν τρόπον, ᾧ βάρβαροι πάντες ἐς τὰ ἱερὰ χρῶνται. (VA, II, 24)

E eles dizem ter visto um Templo do Sol, no qual circulava o elefante Ájax, e esculturas de ouro de Alexandre e outras de Poro, e eram estas de bronze escuro. E das paredes do templo, sob pedras vermelhas brilhava o ouro, emitiam um clarão semelhante a um raio de sol. O próprio assento estava cercado de pérolas do modo simbólico que usam todos os bárbaros nos templos.

A cidade de Paraca

A cidade de Paraca é maravilhosa por nela acontecer o treino de caça aos dragões e por nela se armazenarem as cabeças desse animal, no centro da cidade. Além disso, os habitantes dessa região entendem a linguagem animal. É a partir dessa cidade que Apolônio chega até a torre dos brâmanes:

τὴν δὲ πόλιν τὴν ὑπὸ τῷ ὄρει μεγίστην οὖσαν φασὶ μὲν καλεῖσθαι Πάρακα, δρακόντων δὲ ἀνακεῖσθαι κεφαλὰς ἐν μέσῃ πλείστας γυμναζομένων τῶν ἐν ἐκείνῃ Ἰνδῶν τὴν θήραν ταύτην ἐκ νέων. λέγονται δὲ καὶ ζῶων ζυνέναι φθεγγομένων τε καὶ βουλευομένων σιτούμενοι δράκοντος οἱ μὲν καρδίαν, οἱ δὲ ἦπαρ. προϊόντες δὲ

αὐλοῦ μὲν ἀκοῦσαι δόξαι νομέως δὴ τινος ἀγέλην τάπτοντος, ἐλάφους δὲ ἄρα βουκολεῖσθαι λευκάς, ἀμέλγουσι δὲ Ἴνδοι ταύτας εὐτραφῆς ἠγούμενοι τὸ ἀπ' αὐτῶν γάλα. (VA, III, 9)

E eles dizem que a cidade abaixo da montanha é grande e chama-se Paraca, que no centro ficam guardadas a maioria das cabeças de dragões para os indianos de lá serem treinados a essa caça desde a juventude. Dizem também que eles entendem os sons e as deliberações dos animais, alimentando-se ou do coração ou do fígado do dragão. Avançando, eles imaginaram ter ouvido a flauta de algum pastor ordenando um rebanho, mas logo deliberaram que eram corsas brancas, pois os indianos as guiam para ordenhá-las por causa de seu leite nutritivo.

A torre dos sábios

A torre dos brâmanes é o cenário principal da viagem de Apolônio à Índia. É nela que Apolônio chega ao limite máximo de sua sabedoria e realiza o objetivo principal de sua viagem: chegar até os brâmanes.

A descrição dessa torre é peculiar, em vista de suas referências e comparações com a Acrópole de Atenas, o que faz com que o leitor projete mentalmente o mapa da Grécia. A torre fica no topo de uma montanha e suas características são:

ὕψος μὲν εἶναι κατὰ τὴν Ἀθηναίων φασὶν ἀκρόπολιν, ἀνίστασθαι δὲ ἐκ πεδίου ἄνω, εὐφυᾶ δὲ ὁμοίως πέτραν ὄχυροῦν αὐτὸν κύκλῳ περιήκουσαν (VA, III, 13).

tem quase a mesma altura da Acrópole de Atenas, sobe diretamente da planície e sua posição natural o protege de ataques, pois é rodeado por rochas em todos os lados.

Além disso, em muitas partes dessa pedra eles viram rastros de pegadas e contorno de barba e de rostos, e viram marcas que pareciam de costas deslizadas (ἤς πολλαχοῦ δίχληα ὀρᾶσθαι ἴχνη καὶ γενειάδων τύπους καὶ προσώπων καὶ πού καὶ νῶτα ἰδεῖν ἀπωλισθηκόσιν ὅμοια - VA, III, 13). Essas marcas, segundo a narrativa, são de quando Dioniso e Hércules

tentaram atacar e capturar a torre, mas foram afastados pelos raios e pedras enviados pelos brâmanes.

Existia também uma nuvem que pairava sobre a torre:

περὶ δὲ τῷ ὄχθῳ νεφέλην ἰδεῖν φασιν, ἐν ἧ τοὺς Ἴνδοὺς οἰκεῖν φανεροὺς τε καὶ ἀφανεῖς καὶ ὅ τι βούλονται. πύλας δὲ εἰ μὲν καὶ ἄλλας εἶναι τῷ ὄχθῳ, οὐκ εἰδέναι. τὸ γὰρ περὶ αὐτὸν νέφος οὔτε ἀκλείστῳ ξυγχωρεῖν οὔτ' αὖ ξυγκεκλεισμένῳ φαίνεσθαι (VA, III, 13).

eles dizem ter visto uma nuvem atrás da montanha da morada dos hindus, a qual ficava visível ou invisível quando eles desejam. E se tinha outro portão na montanha eles não sabiam, pois, com a nuvem ao redor, não conseguiram ver se havia uma abertura na muralha ou se, por outro lado, era uma fortaleza fechada.

Os jarros de chuva e de vento dos brâmanes

Outro prodígio se encontra quando, os personagens tendo entrado na torre, viram dois jarros de pedra preta, um de chuva e outro de vento (καὶ διττῷ ἐωρακέναι φασὶ πίθῳ λίθου μέλανος ὄμβρων τε καὶ ἀνέμων ὄντε - VA, III, 14). O jarro de chuva é aberto quando a Índia está sofrendo de seca, e então são enviadas nuvens carregadas para todo o país; mas, se a chuva passa a ser excessiva, é interrompida quando o jarro é fechado. Já o jarro de vento é comparado à caixa de Éolo²⁸, pois liberta um dos ventos, o qual proporciona uma brisa fresca que refresca todo o país (VA, III, 14).

A pedra magnética

Na torre dos brâmanes, Iarcas mostra a Apolônio uma pedra que tem características magnéticas e se assemelha à pedra *pantarba*, descrita por Ctésias, nestes termos:

²⁸ Provável referência a Éolo, guardião dos ventos na Odisseia (*Od.*, X, 1-4, 21-22).

Περὶ παντάρβας τῆς σφραγίδος, καὶ ὡς υοζ΄ σφραγίδας ἀπορριφείσας καὶ τιμίους λίθους εἰς τὸν ποταμόν, ἅτινα ἦν τοῦ Βακτρίων καπήλου, αὐτὴ ἀνεῖλκυσεν ἐχομένας ἀλλήλων. (*Ind.*, frag. II)

Fala sobre a *pantarba*, uma pedra preciosa, e que quando ela é jogada no rio, 477 sinetes e pedras preciosas, que eram de um comerciante de Bactra, ela puxa de volta presas umas com as outras.

Na VA Iarcas confirma a existência desta pedra e garante que o que dizem a respeito de suas características magnéticas é verdade. Além disso, ele também a disponibiliza a Apolônio, para que este a veja e comprove, por si mesmo, suas propriedades. Nenhum detalhe, porém, é narrado (VA, III, 46).

γίγνεται μὲν γὰρ ἡ μέγιστη κατὰ ὄνυχα δακτύλου τούτου, δείξας τὸν ἑαυτοῦ ἀντίχειρα ‘κίσκεται δὲ ἐν γῆ κοίλῃ βάθος ὀργυιαὶ τέτταρες, τοσοῦτον δὲ αὐτῆ περιέστι τοῦ πνεύματος, ὡς ὑποιδεῖν τὴν γῆν καὶ κατὰ πολλὰ ρήγνυσθαι κωσκομένης ἐν αὐτῇ τῆς λίθου. (VA, III, 46)

[Fala de Iarcas] De fato, a maior delas é do tamanho desta unha – e ele mostrou seu próprio polegar – e é formada num buraco na terra com uma profundidade de quatro braças; mas ela tem tanto espírito, que a terra se dilata e se rasga em muitos lugares quando esta pedra é concebida.

Contudo, essa pedra não é facilmente capturada, pois, se alguém tenta pegá-la, ela foge, a menos que exista uma atração entre a pedra e aquele que tenta apanhá-la. Ainda, a *pantarba* (παντάρβην), assim chamada também por Iarcas:

νύκτωρ μὲν οὖν ἡμέραν ἀναφαίνει, καθάπερ τὸ πῦρ, ἔστι γὰρ πυρσὴ καὶ ἀκτινώδης, εἰ δὲ μεθ’ ἡμέραν ὀρῶτο, βάλλει τοὺς ὀφθαλμοὺς μαρμαρυγαῖς μυρίασι. τὸ δὲ ἐν αὐτῇ φῶς πνεῦμά ἐστιν ἀρρήτου ἰσχύος, πᾶν γὰρ τὸ ἐγγὺς ἐσποιεῖ αὐτῇ. (VA, III, 46)

de noite faz brilhar um dia, como o fogo, é vermelha e emite raios, e se se olha para ela de dia, lança aos seus olhos raios de luz incontáveis. A luz de dentro dela é um espírito com força misteriosa, pois atrai tudo para perto dela mesma.

καὶ εἰπὼν ταῦτα ἔδειξε τὴν λίθου αὐτὴν τε καὶ ὅποσα ἐργάζεται. (VA, III, 47)

E tendo ditto estas coisas, ele mostrou a própria pedra e tudo o que ela era capaz de realizar.

Balara e Selera

Balara é um lugar distinto por seus jardins, já Selera é uma ilha sagrada, onde habita uma nereida:

προσπλεῦσαι φασι καὶ Βαλάροις, ἐμπόριον δὲ εἶναι τὰ Βάλαρα μεστὸν μυρρινῶν τε καὶ φοινίκων καὶ δάφνας ἐν αὐτῷ ἰδεῖν καὶ πηγαῖς διαρρεῖσθαι τὸ χωρίον. κῆποι δὲ ὅποσοι τρωκτοὶ καὶ ὅποσοι ἀνθέων κῆποι, βρῦειν αὐτὸ καὶ λιμένας μεστοὺς γαλήνης ἐν αὐτῷ εἶναι. προκεῖσθαι δὲ τοῦ χωρίου τούτου νῆσον ἱεράν, ἣν καλεῖσθαι Σέληρα καὶ στάδια μὲν ἑκατὸν εἶναι τῷ πορθμῷ, νηρηίδα δὲ οἰκεῖν ἐν αὐτῇ δεινὴν δαίμονα, πολλοὺς γὰρ τῶν πλεόντων ἀρπάζειν καὶ μηδὲ ταῖς ναυσὶ ξυγχορεῖν πεῖσμα ἐκ τῆς νήσου βάλλεσθαι. (VA, III, 56)

Eles contam que navegaram até Balara, que é um empório cheio de mirtos e de palmeiras, e que viram também loureiros e fonte que ali fluem. E tinha tanto jardins de plantas comestíveis, como jardins de flores, cheios de brotos, e os portos ali estavam calmos. Defronte deste lugar existe uma ilha sagrada chamada Selera, e a passagem até ela é de cem estádios de distância. Nesta ilha habita uma nereida, um demônio terrível, pois ela arrebatava muitos marinheiros e não deixa que os navios arremessem um cabo à ilha.

Pegadas, a terra de bronze

De acordo com a narrativa, podemos imaginar esta região como monocromática, tamanha é a predominância do bronze que compõe sua natureza.

κατασχεῖν δέ φασι καὶ ἐς Πηγάδας τῆς τῶν Ὀρειτῶν χώρας, οἱ δὲ Ὀρεῖται, χαλκαῖ μὲν αὐτοῖς αἱ πέτραι, χαλκῆ δὲ ἡ ψάμμος, χαλκοῦν δὲ ψῆγμα οἱ ποταμοὶ ἄγουσι. χρυσῆτιν δὲ ἠγοῦνται τὴν γῆν διὰ τὴν εὐγένειαν τοῦ χαλκοῦ. (VA, III, 54)

Eles dizem que também passaram por Pégada, na terra dos oritas, e que os oritas têm pedras de bronze, e também areia de bronze, e a poeira que o rio traz também é de bronze. Mas eles consideram o bronze da sua terra ouro, por causa da nobreza dele.

A ilha Biblo e os moluscos gigantes

Esta ilha tem como maravilhoso seus frutos do mar que, em tamanho, são muito maiores que os gregos.

μνημονεύουσι καὶ νήσου μικρᾶς, ἧ ὄνομα εἶναι Βίβλον, ἐν ἧ τὸ τοῦ κογχυλίου μέγεθος καὶ οἱ μύες ὄστρεά τε καὶ τὰ τοιαῦτα δεκαπλάσια τῶν Ἑλληνικῶν τὸ μέγεθος ταῖς πέτραις προσπέφυκεν. ἀλίσκεται δὲ καὶ λίθος ἐκεῖ μαργαρίς ἐν ὀστράκῳ λευκῷ καρδίας τόπον ἔχουσα τῷ ὀστρέῳ. (VA, III, 53)

Eles também recordam uma pequena ilha, a qual se chama Biblo, onde há grandes berbigões, mexilhões e ostras, os quais se prendem em pedras e são dez vezes maiores que os encontrados na Grécia. Uma pedra também é capturada ali, a pérola, a qual ocupa, em uma concha branca, o lugar do coração da ostra.

2.3.1.2. Hidrografia

Filóstrato descreve os rios que Apolônio atravessou, bem como suas extensões navegáveis, suas dimensões e os animais que havia neles. Os rios são o Indo, o Hífasis e o Acesines.

O rio Indo

Esse rio é o mais importante para a indografia greco-romana, por ter simbolizado, até a campanha de Alexandre, os confins do mundo. Essa crença se encontra presente nas narrativas de Ctésias:

Λέγει περὶ τοῦ Ἰνδοῦ ποταμοῦ τὸ μὲν στενὸν αὐτοῦ τὸ εὖρος μ' σταδίων εἶναι, τὸ δὲ πλατύτατον, καὶ διακοσίων. Λέγει περὶ αὐτῶν τῶν Ἰνδῶν ὅτι πλείους σχεδὸν συμπάντων ἀνθρώπων. Περὶ τοῦ σκόληκος τοῦ ἐν τῷ ποταμῷ, ὃ καὶ μόνον τῶν ἄλλων θηρίων ἐν αὐτῷ γίνεται. Περὶ τοῦ μὴ οἰκεῖν ἐπέκεινα αὐτῶν ἀνθρώπους. Ὅτι οὐχ ὕει, ἀλλ' ὑπὸ τοῦ ποταμοῦ ποτίζεται ἡ Ἰνδική. (*Ind.*, frag. I)

Ele fala sobre o rio Indo, que em sua passagem mais estreita tem quarenta estádios²⁹ de largura, e na mais extensa, duzentos. Fala que a população de hindus é mais ou menos maior que a de todos os homens juntos. Fala a respeito de um verme do rio, o qual, aliás, é o único animal que há nele. Que homens não habitam além de lá. Que não chove, mas a terra da Índia é irrigada pelo rio.

Filóstrato também fala sobre sua dimensão, bem como sobre sua nascente e os animais que nele vivem:

²⁹ Medida de percurso equivalente a 177,60 m.

τὸν μὲν δὴ Ἴνδὸν ὧδε ἐπεραιώθησαν σταδίους μάλιστα τεσσαράκοντα, τὸ γὰρ πλόμιον αὐτοῦ τοσοῦτον, περὶ δὲ τοῦ ποταμοῦ τούτου τάδε γράφουσι: τὸν Ἴνδὸν ἄρχεσθαι μὲν ἐκ τοῦ Καυκάσου μείζω αὐτόθεν ἢ οἱ κατὰ τὴν Ἀσίαν ποταμοὶ πάντες, προχωρεῖν δὲ πολλοὺς τῶν ναυσιπόρων ἑαυτοῦ ποιούμενον, ἀδελφὰ δὲ τῷ Νεῖλῳ πράττοντα τῆ τε Ἰνδικῇ ἐπιχεῖσθαι γῆν τε ἐπάγειν τῆ γῆ καὶ παρέχειν Ἴνδοῖς τὸν Αἰγυπτίων τρόπον σπείρειν. (VA, II, 18)

E então eles atravessaram o Indo, com mais de quarenta estádios³⁰, pois essa é sua extensão navegável. A respeito do rio eles escrevem estas coisas: que o Indo começa no Cáucaso e sua nascente é maior que todos os rios da Ásia, e, ao avançar, incorpora muitos [rios] navegáveis, e, de modo paralelo ao Nilo, inunda a Índia, sobrepo terra à terra e permite aos hindus semear, do mesmo modo que os egípcios.

κοιμζόμενοι δὲ διὰ τοῦ Ἴνδοῦ πολλοῖς μὲν ποταμίῳις ἵπποισι ἐντυγεῖν φασι, πολλοῖς δὲ κροκοδείλοις, ὥσπερ οἱ τὸν Νεῖλον πλέοντες, λέγουσι δὲ καὶ ἄνθη τῷ Ἴνδῳ εἶναι, οἷα τοῦ Νεῖλου ἀναφύεται (VA, II, 19)

E eles dizem que, viajando em direção ao outro lado do Indo, encontraram muitos cavalos de rio e muitos crocodilos, como os que nadam no Nilo, e que a vegetação do Indo é como a que brota no Nilo.

O rio Hífasis e o óleo nupcial

O rio Hífasis (atual Beás) é notável por sua extensão. De acordo com o texto, ele nasce na planície e, perto de sua fonte, os riachos são navegáveis, mas, à medida que avançam, logo se tornam inacessíveis para os barcos, porque os montes de rocha se alternam. Nas redondezas dessas rochas, o vento é forte ao ponto de tornar o rio não navegável (VA, III, 1). Suas características mais notáveis são:

εὔρος δὲ αὐτῷ κατὰ τὸν Ἰστρον, ποταμῶν δὲ οὗτος δοκεῖ μέγιστος, ὁπόσοι δι' Εὐρώπης ῥέουσι. δένδρα δὲ οἱ προσόμοια φύει παρὰ τὰς ὄχθας, καὶ τι καὶ μύρον

ἐκδίδοται τῶν δένδρων, ὃ ποιοῦνται Ἴνδοι γαμικὸν χρίσμα, καὶ εἰ μὴ τῷ μύρῳ τούτῳ ῥάνωσι τοὺς νυμφίους οἱ ξυνιόντες ἐς τὸν γάμον, ἀτελής δοκεῖ καὶ οὐκ ἐς χάριν τῆ Ἀφροδίτῃ ξυναρμοσθεῖς. (VA, III, 1)

Sua largura é equivalente ao do rio Ister, este sendo considerado o mais de quantos rios fluem na Europa. Árvores semelhantes às daquele nascem às suas margens e um bálsamo também é extraído das árvores, a partir do qual os hindus fazem um óleo nupcial; e se os presentes ao casamento não borrifam com esse óleo os noivos, parece que a união não é concluída nem agraciada por Afrodite.

Esse bosque à margem do rio é consagrado a Afrodite, bem como os belos peixes que existem lá (VA, III, 1).

O rio Acesines

A descrição deste rio é breve, e o conteúdo maravilhoso neste trecho se dá pela dimensão informada e pelo comprimento das cobras que existem nele:

περὶ τοῦ Ἀκεσίνου ποταμοῦ εἰρημένα, ὡς ἐσβάλλει μὲν ἐς τὸν Ἴνδον οὗτος, τρέφει δὲ ὄφεις ἑβδομήκοντα πηχῶν μῆκος, τοιαῦτα εἶναί φασι. (VA, II, 17)

Sobre o que disseram do rio Acesines, que deságua no rio Indo e produz cobras de setenta côvados³¹ de comprimento, ser assim eles dizem.

A fonte de ouro

Além desses rios, ao conversar com Iarcas Apolônio pergunta sobre a veracidade de uma fonte de que jorra ouro (ἐρομένου δὲ αὐτοῦ καὶ περὶ τοῦ χρυσοῦ ὕδατος, ὃ φασι ἐκ πηγῆς βλύζειν - VA, III, 45). Provavelmente, essa fonte é uma alusão à descrita por Ctésias:

³¹ Medida de comprimento equivalente a 44 cm.

Περὶ τῆς κρήνης πληρουμένης ἀν' ἔτος ὑγροῦ χρυσοῦ, ἐξ ἧς ἑκατὸν πρόχοι ὀστράκινοι ἀν' ἔτος ἀρύνονται. Ὀστρακίνοὺς δὲ δεῖ εἶναι ἐπεὶ πήγνυται ὁ χρυσὸς ἀπαρῦόμενος, καὶ ἀνάγκη τὸ ἀγγεῖον θλάει, καὶ οὕτως ἐξαγαγεῖν αὐτόν. Ἡ δὲ κρήνη τετράγωνός ἐστιν, ἑκκαίδεκα μὲν πηχῶν ἢ περίμετρος, τὸ δὲ βάθος ὀργυῖά· ἐκάστη δὲ προχόη τάλαντον ἔλκει. Καὶ περὶ τοῦ ἐν τῷ πυθμένι τῆς κρήνης σιδήρου, ἐξ οὗ καὶ δύο ξίφη Κτησίας φησὶν ἐσχηκέναι, ἐν παρὰ βασιλέως, καὶ τὸ ἄλλο παρὰ τῆς τοῦ βασιλέως μητρὸς Παρυσάτιδος. Φησὶ δὲ περὶ αὐτοῦ ὅτι πηγνύμενος ἐν τῇ γῆ, νέφους καὶ χαλάζης καὶ πρηστήρων ἐστὶν ἀποτρόπαιον· καὶ ἰδεῖν αὐτὸν ταῦτά φησι, βασιλέως δις ποιήσαντος. (*Ind.*, frag. IV).

Fala sobre uma fonte cheia de líquido dourado durante o ano, do qual se extraem cem jarros de cerâmica anualmente. Os jarros precisam ser de cerâmica, já que o ouro que é retirado solidifica, é necessário então quebrar o invólucro, e assim retirá-lo. A fonte é quadrangular, com o perímetro de dezesseis côvados, e a profundidade de uma braça.³² E cada vaso comporta um talento.³³ Fala sobre o ferro que há no fundo da nascente, a partir do qual Ctésias diz que duas espadas foram forjadas, uma por ordem do rei, e a outra por ordem da mãe do rei, Parisátide. Diz sobre ela que se a espada for fincada na terra, é capaz de afastar as nuvens, granizos e tempestades. E diz ele próprio ter visto isso quando o rei o fez duas vezes.

2.3.1.3. O clima da Índia

Heródoto e Ctésias comentaram a respeito do clima indiano:

ἀποκλινομένης δὲ τῆς μεσαμβρίας γίνεται σφι ὁ ἥλιος κατὰ περ τοῖσι ἄλλοισι ὁ ἔωθινός, καὶ τὸ ἀπὸ τούτου ἀπιὼν ἐπὶ μᾶλλον ψύχει, ἐς ὃ ἐπὶ δυσμηῆσι ἐὼν καὶ τὸ κάρτα ψύχει. (*Hdt. Hist.*, III, 104, tradução de J. Brito Broca)

Nessa região, o sol é mais ardente pela manhã do que ao meio-dia, ao contrário do que se verifica nas outras partes; e os habitantes conservam a cabeça coberta até a hora em que termina, entre nós, o mercado. Ao meio dia, a temperatura ali pouco

³² Distância de uma extremidade a outra de um braço estendido horizontalmente; medida fixa de quatro côvados ou seis pés (aproximadamente 1,80 m).

³³ Medida de peso e de soma de dinheiro equivalente a seis mil dracmas.

difere da dos demais países, e daí em diante começa a declinar, sendo a tarde tão fresca quanto a manhã entre os outros povos. À hora de dormir já se goza de um agradável frescor.

A descrição de Ctésias é breve:

Ἵτι ἀλέα πολλή καὶ ὅτι ὁ ἥλιος δεκαπλασίων τὸ μέγεθος ἢ ἐν ταῖς ἄλλαις χώραις αὐτὸς ἑαυτοῦ φαίνεται, καὶ πολλοὶ ἐνταῦθα τῷ πνίγει φθείρονται. (*Ind.*, frag. V)

Que é muito o calor e que o sol parece ter dez vezes o tamanho que dos outros lugares, e que lá muitas pessoas morrem sem ar.

Filóstrato também apresenta a Índia como um lugar muito quente:

αἱ περὶ τὴν Ἰνδικὴν εἰσι, χειμῶνος μὲν ἀλεεινὰς εἶναι, θέρους δὲ πνιγηράς, πρὸς δὲ τοῦτο ἄριστα μεμηχανῆσθαι τῷ δαίμονι, τὴν γὰρ χώραν αὐτοῖς θαμὰ ὕεσθαι. (*VA*, II, 19)

Na região da Índia, o inverno é com muito sol, e o verão é sufocante, mas em compensação a divindade providenciou algo excelente, pois frequentemente chove no país deles.

2.3.1.4. Animais

Na *VA* são descritos muitos animais. Além do detalhamento de seus aspectos físicos, são narradas as lendas e as histórias que os envolvem. Muitos desses animais o autor afirma que Apolônio viu, de outros apenas ouviu falar. Os animais são: leopardos, elefantes, uma minhoca flamejante, unicórnio, dragões, manticora, grifos e fênix.

Leopardos

Sobre a conduta dos leopardos, na VA é narrada a história de que eles ficam na região da Panfília (região atual da Turquia), e seu deslocamento de região aconteceu da seguinte forma:

χαίρουσι γὰρ τοῖς ἀρώμασι καὶ πολλοῦ τὰς ὀσμὰς ἔλκουσαι φοιτῶσιν ἐξ Ἀρμενίας διὰ τῶν ὄρων πρὸς τὸ δάκρυον τοῦ στόρακος, ἐπειδὴν οἱ τε ἄνεμοι ἀπ' αὐτοῦ πνεύσωσι καὶ τὰ δένδρα ὀπώδη γένηται. (VA, II, 2)

Se deleitando com os aromas e atraídos de longe pelos odores, eles vem periodicamente da Arménia, através das montanhas, em busca da gota de estoraque, quando os ventos de lá sopram e as árvores se tornam resinosas.

É narrado ainda sobre um leopardo que fora apanhado em Panfília, o qual usava uma corrente de ouro em volta do seu pescoço, onde estava inscrito em letras armênias: “Do rei Arsaces ao deus Nísio” (ΒΑΣΙΛΕΥΣ ΑΡΣΑΚΗΣ ΘΕΩΙ ΝΥΣΙΩΙ - VA, II, 2). Apolônio deduziu que Arsaces era o rei armênio e que ele deixara o animal livre em homenagem a Dioniso por causa do seu tamanho.

Elefantes

Na VA há uma descrição dos tipos de elefantes que existem na Índia e de como eles são treinados e usados em guerras. Neste trecho se descrevem três tipos de elefantes: os do pântano, os da mantanha, e os capturados para serem usados na guerra. Sobre os elefantes, Ctésias menciona apenas que são destruidores de paredes.

Περὶ τῶν τειχοκαταλύτων ἐλεφάντων. (*Ind.*, frag. III)

Fala sobre elefantes destruidores de paredes.

Filóstrato, por sua vez, faz uma descrição muito mais detalhada sobre estes animais:

ἐπὶ δὲ τὸν Ἰνδὸν ἐλθόντες ἀγέλην ἐλεφάντων ἰδεῖν φασι περαιουμένους τὸν ποταμὸν καὶ τάδε ἀκοῦσαι περὶ τοῦ θηρίου: ὡς οἱ μὲν αὐτῶν ἔλειοι, οἱ δ' αὖ ὄρειοι, καὶ τρίτον ἤδη γένος πεδινοὶ εἰσιν, ἀλίσκονταί τε ἐς τὴν τῶν πολεμικῶν χρεῖαν. μάχονται γὰρ δὴ ἐπεσκευασμένοι πύργους οἴους κατὰ δέκα καὶ πεντεκαίδεκα ὁμοῦ τῶν Ἰνδῶν δέξασθαι, ἀφ' ὧν τοξεύουσί τε καὶ ἀκοντίζουσιν οἱ Ἰνδοί, καθάπερ ἐκ πυλῶν βάλλοντες. καὶ αὐτὸ δὲ τὸ θηρίον χεῖρα τὴν προνομαίαν ἠγεῖται καὶ χρεῖται αὐτῇ ἐς τὸ ἀκοντίζειν. ὅσον δὲ ἵππου Νισαίου μείζων ὁ Λιβυκὸς ἐλέφας, τοσοῦτον τῶν ἐκ Λιβύης οἱ Ἰνδοὶ μείζους. (VA, II, 12)

Tendo eles chegado ao Indo, viram uma manada de elefantes atravessando o rio e dizem terem ouvido isto a respeito dos animais: como alguns deles são do pântano, outros são da montanha, e há também um terceiro tipo, da planície, os quais são capturados para serem usados na guerra. Eles vão para a batalha encilhados com espécies de torres com capacidade de levar de dez a quinze indianos em cada uma, das quais os indianos atiram com o arco e arremessam os dardos, como se estivessem atirando de portões. O próprio animal tem a tromba como mãos, e a usa para arremessar dardos. Os elefantes da Líbia são tão grandes quanto os cavalos de Nisa, assim também são os elefantes indianos com relação aos da Líbia.

εἰ δὲ καὶ ἦθη ἐλεφάντων χρὴ ἀναγράφειν, τοὺς μὲν ἐκ τῶν ἐλῶν ἀλίσκομένους ἀνοήτους ἠγοῦνται καὶ κούφους Ἰνδοί, τοὺς δὲ ἐκ τῶν ὄρων κακοήθεις τε καὶ ἐπιβουλευτὰς καὶ ἦν μὴ δέωνταί τινος, οὐ βεβαίους τοῖς ἀνθρώποις, οἱ πεδινοὶ δὲ χρηστοί τε εἶναι λέγονται καὶ εὐάγωγοι καὶ μιμήσεως ἐρασταί: γράφουσι γοῦν καὶ ὀρχοῦνται καὶ παρενσαλεύουσι πρὸς αὐλὸν καὶ πηδῶσιν ἀπὸ τῆς γῆς ἐκεῖνοι. (VA, II, 13)

Se é necessário descrever o caráter dos elefantes, os que são capturados nos pântanos, os indianos os acham estúpidos e inconstantes; os das montanhas, maliciosos e traiçoeiros, e caso não precisem de nada, não são confiáveis aos homens; mas, os elefantes da planície, dizem que são úteis, dóceis e que gostam de

imitar. Ao menos escrevem, dançam, balançam ao som da flauta e dão saltos sobre a terra.

O verme flamejante

Ctésias descreve um verme que existe no rio Indo que possui características semelhantes à uma descrita na VA:

Ὅτι ἐν τῷ ποταμῷ τῶν Ἰνδῶν σκώληξ γίνεται τὸ μὲν εἶδος οἷόν περ ἐν ταῖς συκαῖς εἴωθε γίνεσθαι, τὸ δὲ μήκος πήχεις ζ', καὶ μείζους δὲ καὶ ἐλάττους, τὸ δὲ πάχος, δεκαετέα παῖδα μόλις φασὶ ταῖς χερσὶ περιλαβεῖν. Ἔχουσι δὲ ὀδόντας δύο, ἓνα ἄνω καὶ ἓνα κάτω, καὶ ὅ τι ἂν λάβωσι τοῖς ὁδοῦσι, κατεσθίουσι. Καὶ τὴν μὲν ἡμέραν ἐν τῇ ἰλύϊ τοῦ ποταμοῦ διαιτῶνται, τῇ δὲ νυκτὶ ἐξέρχονται, καὶ ἐάν τι ἐντύχη ἐν τῇ γῆ βοῖ ἢ καμήλῳ καὶ δάκῃ, συλλαβὼν ἔλκει εἰς τὸν ποταμὸν καὶ πάντα κατεσθίει πλὴν τῆς κοιλίας. Ἀγρεύεται δὲ ἀγκίστρῳ μεγάλῳ, ἔριφον ἢ ἄρνα ἐνδησάντων καὶ ἀλύσεισι σιδηραῖς ἐναρμοσάντων. Ἀγρεύσαντες δὲ τριάκοντα ἡμέρας κρεμῶσιν αὐτὸν καὶ ἀγγεῖα ὑποτιθέασι, καὶ ῥεῖ ἐξ αὐτοῦ ὅσον δέκα κοτύλας ἀττικᾶς τὸ πλῆθος. Ὅταν δὲ παρέλθωσιν αἱ τριάκοντα ἡμέραι, ἀπορρίπτουσι τὸν σκώληκα, καὶ τὸ ἔλαιον ἀσφαλίσάμενοι, ἄγουσι τῷ βασιλεῖ μόνῳ τῶν Ἰνδῶν· ἄλλῳ δὲ οὐκ ἔξεστιν ἐξ αὐτοῦ ἔχειν. Τοῦτο τὸ ἔλαιον, ἐφ' ὃ ἂν ἐπιχυθῆ, ἀνάπτει καὶ καταφλέγει ξύλα καὶ ζῶα καὶ ἄλλως οὐ σβέννυται εἰ μὴ πηλῷ πολλῷ τε καὶ παχεῖ. (*Ind.*, frag. XXVII)

Que no rio do Indo nasce um verme com a aparência tal qual a de um que nasce na figueira, seu comprimento sendo de sete cúbitos, alguns maiores, alguns menores. Quanto à largura, uma criança de dez anos com dificuldade o envolveria com os braços. Tem dois dentes, um em cima e o outro embaixo, e o que pegam com os dentes, devoram. De dia vivem na lama do rio, mas de noite saem, e se encontram algum boi ou camelo na terra também os abocanham, arrastam consigo para o rio e comem-no todo, exceto o intestino. Ele é capturado com um grande anzol que cobrem com um cordeiro ou um carneiro e prendem com uma corrente de ferro. Tendo-o capturado, penduram-no por trinta dias e colocam uma jarra embaixo; dele escorre o total de cerca de dez copos áticos. Quando se completam os trinta dias, jogam fora o verme e o óleo recolhido levam somente para o rei dos indianos; não é permitido que nenhuma outra pessoa o tenha. Este óleo, sobre o que se derrama,

incendeia e queima, trate-se de madeira ou animal; e não se apaga de outro modo que com muita lama espessa.

Na VA, por sua vez, é no rio Hífasis onde existe uma minhoca semelhante à retratada acima:

ἔστι δέ τι θηρίον ἐν τῷ ποταμῷ τούτῳ σκόληκι εἰκασμένον λευκῷ. τοῦτο οἱ τήκοντες ἔλαιον ποιοῦνται, πῦρ δὲ ἄρα τοῦ ἐλαίου τούτου ἐκδίδεται καὶ στέγει αὐτὸ πλὴν ὑελοῦ οὐδέν. ἀλίσκεται δὲ τῷ βασιλεῖ μόνῳ τὸ θηρίον τοῦτο πρὸς τειχῶν ἄλωσιν. ἐπειδὴν γὰρ θίγη τῶν ἐπάλλξεων ἢ πιμελή, πῦρ ἐκκαλεῖται κρεῖττον σβεστηρίων, ὅποσα ἀνθρώποις πρὸς τὰ πυρφόρα εὔρηται. (VA, III, 1)

Há também uma fera nesse rio (Hífasis) que se parece com um verme³⁴ branco. Ao derretê-lo, eles fazem um óleo, e deste óleo, parece, produz-se uma chama que nada além de vidro pode conter. E esta criatura pode ser capturada só para o rei, que o utiliza para a captura das cidades. Quando, pois, a gordura toca as ameias, um fogo acende-se e desafia todos os meios comuns que vierem a ser inventados pelos homens contra combustíveis.

O unicórnio

Nos *Indiká*, Ctésias retrata um animal com características comuns aos unicórnios da VA, como por exemplo, o fato de os indianos fazerem do chifre do animal uma taça, e, ao beber dela, não adoecerem:

Ἵτι εἰσὶν ὄνοι ἄγριοι ἐν τοῖς Ἰνδοῖς, ἴσοι ἵπποις καὶ μείζους· λευκοὶ δὲ εἰσὶ τὸ σῶμα, τὴν κεφαλὴν πορφυροῖ, ὀφθαλμοὺς ἔχουσι κυανέους. Κέρας δὲ ἔχει ἐν τῷ μετώπῳ ἐνὸς πήχεος τὸ μέγεθος· καὶ ἔστι τὸ μὲν κάτω τοῦ κέρατος, ὅσον ἐπὶ δύο παλαιστάς

³⁴ Filóstrato utiliza a mesma palavra que Ctésias para se referir a essa criatura, σκόληξ, para qual mantivemos também a tradução por “verme” nos dois textos.

πρὸς τὸ μέτωπον, πάνυ λευκόν· τὸ δὲ ἐπάνω, ὀξύ ἐστι τοῦ κέρατος, τοῦτο δὲ φοινικοῦν ἐστὶν ἐρυθρὸν πάνυ· τὸ δὲ ἄλλο, τὸ ἐν τῷ μέσῳ, μέλαν. Ἐκ τούτων οἱ πιόντες (κατασκευάζουσι γὰρ ἐκπώματα) σπασμῶ, φασίν, οὐ λαμβάνονται, οὔτε τῆ ἱερᾶ νόσῳ, ἀλλ' οὐδὲ φαρμάκοις ἀλίσκονται, οὔτ' ἂν προπίωσιν, οὔτ' ἂν τοῦ φαρμάκου ἐπιπίωσιν ἢ οἶνον, ἢ ὕδωρ ἢ ἄλλο τι ἐκ τῶν ἐκπωμάτων. Οἱ μὲν οὖν ἄλλοι ὄνοι καὶ ἡμεροὶ καὶ ἄγριοι καὶ τὰ ἄλλα μόνυχα θηρία πάντα ἀστραγάλους οὐδὲ χολήν ἐπὶ τοῦ ἥπατος ἔχουσιν. Οἳτοι δὲ καὶ ἀστράγαλον ἔχουσι καὶ χολήν ἐπὶ τοῦ ἥπατος· τὸν δὲ ἀστράγαλον, κάλλιστον ὦν ἐγὼ ἐώρακα, οἶον περ βοῶς καὶ τὸ εἶδος καὶ τὸ μέγεθος· βαρὺς δ' ὡς μόλιβδος, τὴν δὲ χροάν ὥσπερ κιννάβαρι καὶ διὰ βάθους. Ταχύτατον δὲ ἐστὶ τὸ ζῶον τοῦτο καὶ ἀλκιμώτατον· οὐδὲν δὲ οὔτε ἵππος οὔτε ἄλλο τι διωκόμενον καταλαμβάνει. (*Ind.*, frag. XXV)

Que na Índia há asnos selvagens, iguais a cavalos e maiores. Eles têm o corpo branco e a cabeça vermelha, e têm os olhos escuros. Têm um chifre na testa com o comprimento de um cúbito. A parte de baixo do chifre, de mais ou menos dois palmos até a testa, é completamente branca; a parte superior do chifre é pontuguda e inteiramente vermelha escura; já a outra parte, a do meio, é preta. Os que bebem nesse chifre (pois os fazem de canecas), dizem, não tinham convulsão, nem a doença sagrada, nem sucumbem a venenos, se bebem antes ou depois do veneno vinho, água ou qualquer outra bebida nessa caneca. Os outros asnos, tanto os dóceis quanto os bravos, e os outros animais selvagens de uma só pata, todos não têm o astrágalo³⁵ nem bílis no fígado. Porém, estes têm astrágalos e bílis no fígado. O astrágalo é o mais bonito que já vi, como o de um boi, na forma e no tamanho, pesado como chumbo, como que da cor do cinábrio até o fundo. Esse animal é velocíssimo e fortíssimo, e nenhum cavalo ou outro animal o alcança na corrida.

A descrição de Filóstrato é bem mais breve:

καὶ τοὺς ὄνους δὲ τοὺς ἀγρίους ἐν τοῖς ἔλεσι τούτοις ἀλίσκεσθαί φασιν, εἶναι δὲ τοῖς θηρίοις τούτοις ἐπὶ μετώπου κέρας, ᾧ ταυρηδόν τε καὶ οὐκ ἀγεννώς μάχονται, καὶ ἀποφαίνειν τοὺς Ἰνδοὺς ἔκπωμα τὸ κέρας τοῦτο, οὐ γὰρ οὔτε νοσηῖσαι τὴν ἡμέραν ἐκείνην ὁ ἀπ' αὐτοῦ πιὼν οὔτε ἂν τρωθεῖς ἀλγῆσαι πυρός τε διεξελεθεῖν ἂν καὶ μηδ' ἂν φαρμάκοις ἀλῶναι ὅποσα ἐπὶ κακῶ πίνεται, βασιλέων δὲ τὸ ἔκπωμα εἶναι καὶ βασιλεῖ μόνῳ ἀνεῖσθαι τὴν θήραν. (*VA*, III, 2)

³⁵ Nome do osso do tarso, substituído por *tálus*.

E eles dizem que asnos selvagens também são capturados nesses pântanos, e que essas criaturas têm um chifre na testa, com o qual, como um touro e não sem nobreza, lutam; e que os hindus fazem uma taça desse chifre, pois alguém não adoeceria durante o dia em que dela bebesse, nem, tendo sido ferido, sentiria dor, mas atravessaria o fogo e, nem se bebesse poções que fazem mal, seria prejudicado; este cálice é reservado para reis, e só o rei caça essa criatura.

Dragões

Segundo a narração da VA, por toda a Índia há dragões enormes, tanto nos pântanos quanto nas montanhas. Existem diferentes tipos de dragões que circulam por esta terra, e os retratados são os do pântano, os que ficam no sopé das montanhas, e os que ficam na parte mais elevada das montanhas. Suas principais características são:

Sobre os dragões do pântano:

οί μὲν δὴ ἔλειοι νοθροὶ τέ εἰσι καὶ τριακοντάπηχυ μῆκος ἔχουσι καὶ κράνος αὐτοῖς οὐκ ἀνέστηκεν, ἀλλ' εἰσὶ ταῖς δρακαίναις ὅμοιοι, μέλανες δὲ ἰκανῶς τὸν νῶτον καὶ ἦττον φολιδωτοὶ τῶν ἄλλων. (VA, III, 6)

Os do pântano são pesados e têm trinta cúbitos de comprimento, e não têm crista acima [de suas cabeças], mas são semelhantes aos dragões fêmeas. Suas costas são bem pretas, cobertos de menos escamas que as outras espécies.

Os dragões que sobrevoam o sopé e os picos das montanhas são maiores que os anteriores, se movem muito rapidamente e são predadores dos dragões da planície. Suas outras características são:

τούτοις καὶ λοφιὰ φύεται νέοις μὲν ὑπανίσχουσα τὸ μέτριον, τελειομένοις δὲ συναυξανομένη τε καὶ συνανιοῦσα ἐς πολὺ, ὅτε δὴ πυρσοί τε καὶ πριόνωτοι γίνονται. οὗτοι καὶ γενειάσκουσι καὶ τὸν ἀγχένα ὑψοῦ αἴρουσι καὶ τὴν φολίδα

στίβουσι δίκην ἀργύρου, αἱ δὲ τῶν ὀφθαλμῶν κόραι λίθος ἐστὶ διάπυρος, ἰσχὺν δ' αὐτῶν ἀμήχανον εἶναι φασιν ἐς πολλὰ τῶν ἀποθέτων. (VA, III, 7)

Estes têm crista, de extensão e altura moderada quando são jovens, mas, quando crescem, sua crista aumenta muito e eles se tornam avermelhados e proeminentes. Eles também adquirem barba e levantam o pescoço para cima, enquanto suas escamas brilham como prata. Seus olhos e suas pupilas são uma pedra ardente e dizem que guardam uma força irresistível para muitas coisas escondidas.

Sobre os dragões das montanhas:

οἱ δὲ ὄρειοι δράκοντες τὴν μὲν φολίδα χρυσοῖ φαίνονται, τὸ δὲ μήκος ὑπὲρ τοὺς πεδινούς, γένεια δὲ αὐτοῖς βοστρυχώδη, χρυσᾶ κάκεῖνα, καὶ κατωφρύωνται μᾶλλον ἢ οἱ πεδινοὶ ὄμμα τε ὑποκάθηται τῇ ὄφρῳ δεινὸν καὶ ἀνειδὲς δεδορκός, ὑπόχαλκόν τε ἠχῶ φέρουσιν, ἐπειδὴν τῇ γῆ ὑποκυμαίνωσιν, ἀπὸ δὲ τῶν λόφων πυρσῶν ὄντων πῦρ αὐτοῖς ἄττει λαμπαδίου πλέον. (VA, III, 8)

Os dragões das montanhas têm escamas que brilham como ouro e, em comprimento, excedem aos da planície; têm barbas espessas, também dourada, suas sobrancelhas são maiores que as dos da planície, seus olhos se afundam debaixo das sobrancelhas e emitem um olhar terrível e implacável. Eles produzem um som de bronze quando se rastejam pela terra e das suas cristas, que são vermelhas, brota um fogo mais brilhante do que o de uma tocha.

A manticora

A manticora é um animal bem descrito por Ctésias. Na VA, a referência que temos dela se encontra num diálogo com Iarcas, quando Apolônio lhe pergunta sobre a existência de tal animal, recebendo como resposta do interlocutor nunca ter ouvido nada sobre isso (VA, III, 45). No entanto, a descrição da manticora feita por Apolônio é semelhante à de Ctésias:

Καὶ περὶ τοῦ μαρτιχόρα τοῦ ἐν αὐτοῖς ὄντος θηρίου, ὡς τὸ πρόσωπον εἰκῶς ἀνθρώπου· μέγεθος μὲν ἐστὶν ὡσπερ λέων, καὶ χροῶν ἐρυθρὸς ὡς κιννάβαρι. Τρίστιχοι δὲ ὀδόντες, ὅτα δὲ ὡσπερ ἀνθρώπου, καὶ ὀφθαλμοὺς γλαυκοὺς ὁμοίους ἀνθρώπου. Τὴν δὲ κέρκον ἔχει οἴανπερ σκορπίος ὁ ἠπειρώτης, ἐν ἧ καὶ τὸ κέντρον ἔχει, μείζω ὑπάρχουσιν πήγχοι. Ἔχει δὲ καὶ ἐκ πλαγίου τῆς κέρκου ἔνθα καὶ ἔνθα κέντρα, ἔχει δὲ καὶ ἐπ' ἄκρω, ὡσπερ σκορπίος, κέντρον. Καὶ τούτω μὲν, ἐὰν προσέλθῃ τις, κεντεῖ τῷ κέντρῳ, καὶ πάντως ὁ κεντηθεὶς ἀποθνήσκει. Ἐὰν δὲ τις πόρρωθεν μάχηται πρὸς αὐτόν, καὶ ἔμπροσθεν, ἰστάς τὴν οὐράν, ὡσπερ ἀπὸ τόξου βάλλει τοῖς κέντροις, καὶ ὀπισθεν, ἐπ' εὐθείας ἀποτείνων. Βάλλει δὲ ὅσον πλέθρον εἰς μῆκος, καὶ πάντα, οἷς ἂν βάλῃ, πάντως ἀποκτείνει πλὴν ἐλέφαντος. Τὰ δὲ κέντρα αὐτοῦ ἐστὶ τὸ μὲν μῆκος ὅσον ποδιαῖα, τὸ δὲ πλάτος ὅσον σχοῖνος λεπτότατος. Μαρτιχόρα δὲ ἔλλητιστὶ ἀνθρωποφάγον, ὅτι πλεῖστα ἐσθίει ἀναιρῶν ἀνθρώπους· ἐσθίει δὲ καὶ τὰ ἄλλα ζῷα· μάχεται δὲ καὶ τοῖς ὄνουσι καὶ τοῖς κέντροις. Τὰ δὲ κέντρα πάλιν, φησὶν, ἐπειδὴν ἐκτοξευθῆ, ἀναφύεσθαι. Ἔστι δὲ πολλὰ ἐν τῇ Ἰνδικῇ. Ἀποκτείνουσι δὲ αὐτὰ τοῖς ἐλέφασιν ἐποχούμενοι ἄνθρωποι κάκειθεν βάλλοντες. (*Ind.*, frag. VII)

E sobre a manticora, que é um animal selvagem, e seu rosto parece-se com o humano. Tem o tamanho de um leão, e o corpo é vermelho assim como do cinábrio. Tem três fileiras de dentes, orelhas como a do homem e olhos glaucos semelhantes ao humano. Ele tem a cauda como a do escorpião continental, na qual há um ferrão maior que um côvado. Também tem aqui e ali ferrões dos lados da cauda, além de ter também um ferrão na ponta da cauda, como escorpião. Dele, se alguém se aproxima, ele ferroa com o ferrão, e todos os ferroados morrem. Se alguém o enfrenta de longe, e de frente, ele levanta a cauda e lança os ferrões como de um arco, e se for atacado por trás, ele o estira reto. Ele lança os ferrões tão longe quanto *plethron*,³⁶ e todos aqueles em que ele os lança, ele os mata, exceto elefantes. O ferrão é do comprimento de um pé, e da largura de um junco esguio. Em grego manticora significa “antropófago”, pelo fato de a maioria matar e comer homens, mas devora também os outros animais. E ela ataca também com as garras e com os ferrões, e o ferrão traseiro, diz [Ctésias], cada vez que é disparado, nasce de novo. Há muitos deles na Índia. E matam-nos homens levados por elefantes e jogando flechas do alto.

‘λέγεται’ εἶπε ‘μεγάλα καὶ ἄπιστα, τετράπουν μὲν γὰρ εἶναι αὐτό, τὴν κεφαλὴν δὲ ἀνθρώπου εἰκάσθαι, λέοντι δὲ ὁμοιωσθαι τὸ μέγεθος, τὴν δὲ οὐρὰν τοῦ θηρίου

³⁶ Medida de comprimento de cem pés gregos.

τούτου πηχυαίας ἐκφέρειν καὶ ἀκανθώδεις τὰς τρίχας, ἃς βάλλειν ὡσπερ τοξεύματα ἐς τοὺς θηρῶντας αὐτό.’ (VA, III, 45)

Dizem, disse [Apolônio], coisas grandes e incríveis [sobre essa criatura], que ela tem quatro patas, que sua cabeça se assemelha à de um homem, mas seu tamanho é como o de um leão, e que a cauda dessa fera produz pelos de um cúbito de comprimento iguais a um espinho, os quais ela lança como flecha naqueles que a caçam.

Os grifos

No relato de Ctésias os grifos são guardiões de ouro:

Ἔστι δὲ αὐτόθι ἄργυρος πολὺς καὶ ἀργύρεα μέταλλα, οὐ βαθέα, ἀλλὰ βαθύτερα εἶναι φασι τὰ ἐν Βάκτροις. Ἔστι δὲ καὶ χρυσὸς ἐν τῇ Ἰνδικῇ χώρᾳ, οὐκ ἐν τοῖς ποταμοῖς εὕρισκόμενος καὶ πλυνόμενος ὡσπερ ἐν τῷ Πακτωλῷ ποταμῷ, ἀλλ’ ὄρη πολλὰ καὶ μεγάλα ἐν οἷς οἰκοῦσι γρυῖπες, ὄρνεα τετράποδα, μέγεθος ὅσον λύκος, σκέλη καὶ ὄνυχες οἷά περ λέων· τὰ ἐν τῷ ἄλλῳ σώματι πτερὰ μέλανα, ἐρυθρὰ δὲ τὰ ἐν τῷ στήθει. Δι’ αὐτοὺς δὲ ὁ ἐν τοῖς ὄρεσι χρυσὸς πολὺς ὧν γίνεται δυσπόριστος. (*Ind.*, frag. XII).

Há lá muita riqueza e minas de prata, não profundas, mas dizem que as de Bácia são mais profundas. Há também ouro na região da Índia, mas não são encontrados e lavados nos rios, como no rio Pactolo, mas em muitas e grandes montanhas nas quais vivem grifos, aves quadrúpedes, do tamanho de um lobo, as patas e garras tais quais de um leão. No resto do corpo tem penas pretas, mas no peito são elas vermelhas. Por causa deles torna-se difícil alcançar o abundante ouro que há nas montanhas.

Na VA, em resposta a Apolônio, Iarcas confirma a existência deles (VA, III, 48). Aqui, é acrescentada a informação de que eles são venerados por serem sagrados para o Sol.

μέγεθός τε καὶ ἀλκὴν εἰκάσθαι αὐτοὺς τοῖς λέουσιν, ὑπὸ δὲ πλεονεξίας τῶν πτερῶν αὐτοῖς τε ἐκείνοις ἐπιτίθεσθαι καὶ τῶν ἐλεφάντων δὲ καὶ δρακόντων ὑπερτέρους εἶναι. πέτονται δὲ οὐπω μέγα, ἀλλ' ὅσον οἱ βραχύποροι ὄρνιθες, μὴ γὰρ ἐπιλιῶσθαι σφᾶς, ὡς ὄρνισι πάτριον, ἀλλ' ὑμέσι τοὺς ταρσοὺς ὑφάνθαι πυρσοῖς, ὡς εἶναι κυκλώσαντας πέτεσθαι τε καὶ ἐκ μετεώρου μάχεσθαι, τὴν τίγριν δὲ αὐτοῖς ἀνάλωτον εἶναι μόνην, ἐπειδὴ τὸ τάχος αὐτὴν ἐσποιεῖ τοῖς ἀνέμοις. (VA, III, 48)

Em tamanho e em força eles se parecem com os leões, mas pela vantagem das asas sobrepõem-se àqueles e são também mais poderosos que elefantes e dragões. Não voam eles alto, mas como as aves de voo curto, pois eles não têm penas, como é normal entre os pássaros, mas as palmas de suas patas têm membranas vermelhas, de modo que girando-as, podem voar e do alto lutarem. O tigre é o único não capturado por eles, uma vez sua rapidez o faz par dos ventos.

A fênix

Segundo a narração de Iarcas, a fênix é uma ave que vai até o Egito a cada quinhentos anos e, no resto do tempo, sobrevoa a Índia. Sobre ela se diz

εἶναι δὲ ἓνα ἐκδιδόμενον τῶν ἀκτίνων καὶ χρυσοῦ λάμποντα, μέγεθος ἀετοῦ καὶ εἶδος, ἐς καλιάν τε ἰζάνειν τὴν ἐκ τοῦ ἀρώματος ποιουμένην αὐτῷ πρὸς ταῖς τοῦ Νείλου πηγαῖς. (VA, III, 49)

haver uma única, produzida pelos raios solares e brilhante de ouro, com o tamanho e a aparência da águia, a qual pousa num ninho que é feito por ela mesma com ervas aromáticas, junto das nascentes do Nilo.

Os egípcios afirmam que a ave vai até o Egito, e os indianos confirmam a informação, acrescentando ainda que ela, ao queimar-se em seu ninho, canta hinos fúnebres para si mesma (τῷ λόγῳ τὸ τὸν φοίνικα τὸν ἐν τῇ καλιᾷ τηκόμενον προπεμπτηρίους ὕμνους αὐτῷ ᾄδειν -VA, III, 49).

2.3.1.5. Seres exóticos

Neste subtópico estão arrolados seres que se diferem por seus hábitos, como é o caso dos hindus de Taxila e dos comedores de peixes, além de outros seres que possuem características físicas atípicas, como os anões, a mulher malhada e os pigmeus.

Os homens de quatro e cinco côvados

Após passarem do Cáucaso, é narrado que Apolônio e seus companheiros:

τετραπήχεις ἀνθρώπους ἰδεῖν φασιν, οὓς ἤδη μελαίνεσθαι, καὶ πενταπήχεις δὲ ἑτέρους ὑπὲρ τὸν Ἰνδὸν ποταμὸν ἐλθόντες. ἐν δὲ τῇ μέγρι τοῦ ποταμοῦ τούτου ὁδοιπορία τάδε εὖρον ἀφηγήσεως ἄξια: ἐπορεύοντο μὲν γὰρ ἐν σελήνῃ λαμπρᾷ, φάσμα δὲ αὐτοῖς ἐμπούσης ἐνέπεσε τὸ δεῖνα γινομένη καὶ τὸ δεῖνα αὖ καὶ οὐδὲν εἶναι, ὃ δὲ Ἀπολλώνιος ζυνηκεν, ὃ τι εἶη, καὶ αὐτός τε ἐλοιδορεῖτο τῇ ἐμπούσῃ, τοῖς τε ἀμφ' οὐτὸν προσέταξε ταὐτὸ πράττειν, ταῦτι γὰρ ἄκος εἶναι τῆς προσβολῆς ταύτης: καὶ τὸ φάσμα φυγῆ ὄχρητο τετριγός, ὥσπερ τὰ εἶδωλα. (VA, II, 4)

dizem ter visto homens de quatro cúbitos, os quais já eram negros, e, tendo passado o rio Indo, viram outros de cinco cúbitos de altura. E até alcançar este rio, encontraram isto digno de ser narrado: viajavam sob o brilho da lua quando depararam com a aparição de uma empusa, que se transformou de uma coisa em outra, até finalmente se tornar nada. Então Apolônio percebeu o que era, e ele mesmo insultou a empusa e mandou que os outros fizessem o mesmo, uma vez que esse era o remédio para aquele ataque. E o fantasma voou para longe berrando, como os fantasmas.

A mulher malhada

Esta mulher se diz ser consagrada a Afrodite. Ao contrário da bela deusa grega, esta mulher multicolor se assemelha a um monstro.

ἐνταῦθα καὶ γυναῖα φασὶν ἐντετυχηκέναι τὰ μὲν ἐκ κεφαλῆς ἐς μαζοὺς μέλανι, τὰ δὲ ἐκ μαζῶν ἐς πόδας λευκῶ πάντα, καὶ αὐτοὶ μὲν ὡς δεῖμα φυγεῖν, τὸν δὲ Ἀπολλώνιον ξυνάψαι τε τῷ γυναίῳ τὴν χεῖρα καὶ ξυνεῖναι ὅ τι εἴη: ἱεροῦται δὲ ἄρα τῇ Ἀφροδίτῃ Ἰνδῇ τοιαύτῃ, καὶ τίκεται τῇ θεῷ γυνὴ ποικίλη, καθάπερ ὁ Ἄπις Αἰγυπτίους. (VA, III, 3)

Neste lugar eles dizem que encontraram uma mulher que era negra da cabeça aos seios, mas completamente branca do seu peito até os pés; e fugiram dela como se fosse um monstro, mas Apolônio tomou a mão da mulher e entendeu o que ela era; de fato, na Índia, consagra-se a Afrodite alguém assim, e nasce em homenagem à deusa uma mulher multicolor, assim como Ἄπις entre os egípcios.

Sobre os hindus de Taxila

Além de conter templos magníficos e ser a cidade do rei Fraotes, a cidade de Taxila é maravilhosa pelo fato de sua população se assemelhar a filósofos:

στολὴν δὲ εἶναι τοῖς μετὰ τὸν Ἰνδὸν λίνου φασὶν ἐγγωρίου καὶ ὑποδήματα βύβλου καὶ κυνῆν, ὅτε ὕοι, καὶ βύσσω δὲ τοὺς φανερωτέρους αὐτῶν φασὶν ἐστάλθαι, τὴν δὲ βύσσον φύεσθαι δένδρου φασὶν ὁμοίου μὲν τῇ λεύκῃ τὴν βάσιν, παραπλησίου δὲ τῇ ἰτέα τὰ πέταλα. καὶ ἡσθηναὶ τῇ βύσσω φησὶν ὁ Ἀπολλώνιος, ἐπειδὴ ἔοικε φαιῶ τρίβωνι (VA, II, 20)

Dizem que a vestimenta dos que habitam do outro do outro lado do Indo é de linho da região, calçados de casca de árvore e um chapéu; quando chove, dizem que os mais distintos deles se vestem com linho finíssimo; e que o linho finíssimo nasce de uma árvore semelhante ao álamo branco, e as folhas são quase iguais às do salgueiro. E Apolônio diz que ficou encantado com o linho fino, uma vez que parecia com seu manto cinza de filósofo.

Os pigmeus

Comparado a Heródoto e a Filóstrato, Ctésias foi o que mais escreveu acerca dos pigmeus. Em sua obra, ele descreve características físicas deles, como pelos genitais e narizes (*Indiká*, frag. XI). Heródoto não usa o termo *pigmeu*, mas Nichols (2011, p. 208) afirma que a descrição em *Histórias* (II, 32) se refere a eles, sendo esse termo usado para descrever pessoas pequenas. Na arte e na literatura greco-romana, os pigmeus são associados ao nanismo e a uma desproporção física (principalmente com relação aos genitais), se tornando assim emblemas de anormalidade. Essa anormalidade humana, somada à característica de eles serem vinculados ao exotismo representativo dos espaços além-fronteira, reforça a imagem da Índia como uma região afastada da Hélade “civilizada” (RODRIGUES, 2016, p. 172).

O retrato de Ctésias dos pigmeus é bem detalhado:

Ἵτι μέση τῆ Ἰνδικῆ ἄνθρωποι εἰσι μέλανες (καλοῦνται Πυγμαῖοι) ὁμόγλωσσοι τοῖς ἄλλοις Ἰνδοῖς. Μικροὶ δέ εἰσι λίαν· οἱ μακρότατοι αὐτῶν πηγέων δύο, οἱ δὲ πλεῖστοι, ἐνὸς ἡμίσεος πήχεος. Κόμην δὲ ἔχουσι μακροτάτην μέχρις ἐπὶ τὰ γόνατα καὶ ἔτι κατώτερον, καὶ πάγονα μέγιστον πάντων ἀνθρώπων. Ἐπειδὴν οὖν τὸν πάγονα μέγα φύσσωσιν, οὐκέτι ἀμφιέννυνται οὐδὲν ἰμάτιον, ἀλλὰ τὰς τρίχας, τὰς μὲν ἐκ τῆς κεφαλῆς ὀπισθεν καθίενται πολὺ κάτω τῶν γονάτων, τὰς δὲ ἐκ τοῦ πάγονος ἔμπροσθεν μέχρι ποδῶν ἐλκομένας, ἔπειτα περιπυκασάμενοι τὰς τρίχας περὶ ἅπαν τὸ σῶμα, ζώννυνται χρώμενοι αὐταῖς ἀντὶ ἰματίου. Αἰδοῖον δὲ μέγα ἔχουσιν ὥστε ψάθειν τῶν σφυρῶν αὐτῶν, καὶ παχύ. Αὐτοὶ δὲ σιμοὶ τε καὶ αἰσχροὶ. Τὰ δὲ πρόβατα αὐτῶν ὡς ἄρνες, καὶ οἱ ὄνοι καὶ αἱ βόες σχεδὸν ὅσον κριοῖ. Καὶ οἱ ἵπποι αὐτῶν καὶ ἡμίονοι καὶ τὰ ἄλλα κτήνη πάντα οὐδὲν μείζω κριοῦν. Ἔπονται δὲ τῷ βασιλεῖ τῶν Ἰνδῶν τούτων τῶν Πυγμαίων ἄνδρες τρισχίλιοι· σφόδρα γὰρ εἰσι τοξόται. Δικαιοτάτοι δὲ εἰσι καὶ νόμοισι χρῶνται ὥσπερ καὶ οἱ Ἰνδοί. Λαγούς δὲ καὶ ἀλώπεκας θηρεύουσιν οὐ τοῖς κυσὶν ἀλλὰ κόραξι καὶ ἰκτίσι καὶ κορώναις καὶ ἀετοῖς.

Ἵτι λίμνη ἐστὶν ἐν αὐτοῖς (σταδίων ὀκτακοσίων ἢ περίμετρος) ἐν ἧ ἀνέμου μὴ πνέοντος, ἐπάνω τῆς λίμνης ἔλαιον ἐφίσταται· καὶ πλοαριοὶς πλέοντες δι’ αὐτῆς, ἐκ μέσης αὐτῆς σκαφίοις τοῦ ἐλαίου ἀπαρύονται καὶ χρῶνται. Χρῶνται δὲ καὶ σησαμίνῳ. Ἔχει δὲ ἡ λίμνη καὶ ἰχθύας. Καὶ τῷ καρύνῳ δὲ χρῶνται· κρεῖσσον δὲ τὸ λιμναῖον. (*Ind.*, frag. XI).

Que no meio da Índia há homens negros (chamados pigmeus), que falam a mesma língua que os outros indianos. E são muito pequenos; os maiores deles têm dois côvados, mas a maioria, meio côvado. E têm o cabelo comprido até o joelho e ainda mais abaixo, e a barba, maior que de todos os homens. Uma vez, pois, que a barba ficava grande, não mais vestiam nenhuma roupa, mas dos pés, uma parte deixam cair da cabeça para trás até os joelhos, a outra parte, puxam da barba para frente até os pés; em seguida envolvem os pelos ao redor do corpo todo, e cingem-se usando os pelos em lugar de roupa. E eles têm o genital grande ao ponto de tocar os joelhos deles, e grosso. E eles são de nariz achatado e feios. E os carneiros deles são como os cordeiros, e os asnos e bois mais ou menos do tamanho de carneiros. E os cavalos deles, as mulas e todas as outras criações não são maiores que carneiros. E escoltam o rei da Índia, destes pigmeus, três mil homens; pois são arqueiros muito bons. São justos e utilizam de leis como também os indianos. Caçam lebres e raposas não com cães, mas com corvos, fuinhas, albatrozes e águias.

Que há um lago onde moram (com o perímetro de 800 estádios) no qual, uma vez que o vento não sopra, sobre o lago boia óleo; e em barquinhos navegam pelo lago e, do meio dele, colhem o óleo em vasilhas e o usam. E também abusam do gergelim. O lago tem peixe. E usam noz. A noz do lago é melhor.

Na VA (VA, III, 47), o sábio Iarcas confirma a existência dos pigmeus na Índia e diz ser verdade o que descrevem sobre esses homens, porém se refere a eles de forma breve:

τοὺς δὲ πυγμαίους οἰκεῖν μὲν ὑπογείους, κείσθαι δὲ ὑπὲρ τὸν Γάγγην ζῶντας τρόπον, ὃς πᾶσιν εἴρηται. (VA, III, 47)

os pigmeus habitam no subsolo, ficam do outro lado do Ganges e vivem da forma como é relatada por todos.

Os comedores de peixes e os carianos

Os comedores de peixes provêm de uma cidade chamada Estobera (Στόβηρα) e são contrastados com uma outra raça de hindus, os carianos:

διφθέρας δὲ τούτους ἐνήφθαι μεγίστων ἰχθύων, καὶ τὰ πρόβατα τὰ ἐκείνη ἰχθυώδη εἶναι καὶ φαγεῖν ἄτοπα, τοὺς γὰρ ποιμένας βόσκειν αὐτὰ τοῖς ἰχθύσιν, ὥσπερ ἐν Καρία τοῖς σύκοις. (VA, III, 55)

Eles se vestem com a pele de grandes peixes, as suas ovelhas têm cheiro de peixe e comem coisas atípicas, pois os pastores as alimentam com peixes, como na Cária são alimentadas com figos.

CAPÍTULO III

OS SÁBIOS HINDUS

Os sábios hindus são personagens essenciais nesta obra. São mencionados desde o início como o alvo principal da viagem de Apolônio, e são a referência de sabedoria máxima não só para Apolônio, mas também para a população que os procura para serem curados e aconselhados, bem como para reis, que os consultam para tomar decisões. A essência dessa sabedoria superior advém do contato deles com os deuses e de seu conhecimento da filosofia grega. Assim, os brâmanes são influentes não apenas filosoficamente, mas também politicamente.

3.1. Fraotes, o rei exemplar, e algumas informações sobre os sábios hindus

Como mencionado no primeiro capítulo, Apolônio se depara com muitas referências à cultura grega ática em sua viagem à Índia. Nesse sentido, o rei Fraotes, de Taxila, se torna um símbolo, uma conexão dessa referência clássica com a sabedoria hindu.

De acordo com a narrativa, Fraotes se assemelha a um filósofo, com características pitagóricas, pois não consome vinho, mantém uma dieta vegetariana (VA, II, 26) e se compraz com a filosofia (VA, II, 30). Interage também com a cultura por outro viés, visto que se exercita à maneira grega e oferece um banquete a Apolônio (VA, II, 27). Além disso, possui habilidades linguísticas notáveis, pois fala e tem domínio da literatura e da língua grega (VA, II, 27-32). Em um diálogo com Apolônio, Fraotes narra sua história e conta como aprendeu grego com o seu próprio pai. Aos doze anos, foi viver com os brâmanes hindus, dos quais recebeu uma educação helênica (VA, II, 31). Em virtude dessa educação junto aos brâmanes, Fraotes se tornou um soberano que age com moderação e integridade (VA, II, 34). Silva (2017, p. 486) considera que, por essas características, Fraotes é tido como um modelo de rei ideal e é elogiado por Apolônio em vários momentos.

Ao ponderar sobre o contexto em que Filóstrato viveu, isto é, o de um grego submetido a um governo romano, e sua proposta de resgatar a cultura helênica, mediante a Segunda Sofística, entendemos que o autor acreditava que, para um rei agir de forma moderada e íntegra, deveria estar imbuído dos valores e da cultura grega. Esse modelo

idealizado, personificado na figura de Fraotes, serviria de crítica contra os imperadores romanos.

A partir desse contato com o rei hindu, Apolônio tem mais notícias sobre os brâmanes. Sem especificar o nome da cidade, Fraotes lhe conta que os sábios vivem em um local entre o rio Hífnis e o Ganges, em uma região que nunca fora encontrada por Alexandre. Mesmo que Alexandre a tivesse encontrado, explica o rei, ele não teria sido capaz de tomar posse daquele local, nem que estivesse acompanhado de “dez mil Aquiles e trinta mil Ájax”, pois os brâmanes não lutam contra aqueles que se aproximam de sua torre (τύρσις), mas os repelem com prodígios e com raios lançados por eles mesmos, uma vez que são homens sagrados e amados pelos deuses (VA, II, 33). Como exemplo, Fraotes cita uma expedição bélica empreendida por Hércules do Egito e Dioniso. Após terem invadido a Índia, tentaram tomar a torre dos sábios com um ataque. Os brâmanes, ao invés de terem reagido de forma violenta, se mantiveram quietos e passivos. Porém, quando todos os soldados estavam reunidos para o ataque final, os sábios, do alto, lançaram mísseis de fogo e raios sobre eles, derrotando os invasores (VA, II, 34).

Em outro momento da narrativa, Apolônio e Iarcas discutem também a respeito desse tópico. Apolônio cita Aquiles como um modelo de herói exemplar, que foi celebrado por Homero tanto por sua coragem quanto por sua beleza, superando Ájax e Nireu. Contudo, Iarcas critica esse modelo defendido por Apolônio e sugere uma ruptura desse paradigma de heroísmo (VA, III, 19). Assim, associamos que a própria história dos brâmanes é um exemplo desse rompimento, haja visto que eles foram capazes de repelir os ataques de Dioniso e Hércules, de Alexandre e de todos os outros homens que tiveram intenção de conquistar aquele local. Valorizando a paz e ao mesmo tempo sendo capazes de manter sua independência, os brâmanes representam a estabilidade e preservam a integridade de seus valores. Ao redor deles, impérios nasceram e caíram: Poro, um dos mais poderosos reis indianos, foi derrotado por Alexandre, o qual, por sua vez, teve o seu próprio império rapidamente desintegrado após sua morte. O contraste entre os dois reis, Fraotes e Poro, bem como a forma de seus governos é bem marcada quando Fraotes diz a Apolônio: “Poro amava a guerra, mas eu amo a paz.” (Πῶρος’ εἶπε ‘πολέμου ἦρα, ἐγὼ δὲ εἰρήνης. VA, II, 26). De acordo com Abraham (2014, p. 478), a veneração do militarismo e do imperialismo encontrados em Homero é a fonte da decadência da ética grega, e essa decadência, por sua vez, é expressa pela perda do autoconhecimento e, em última instância, da identidade grega sob o império romano.

Dessa forma, temos uma imagem da torre dos brâmanes como uma fortaleza impossível de ser invadida e corrompida. Recai sobre eles a proteção natural do local e o favorecimento dos deuses. Ao mesmo tempo, o local se constituiria em um bastião de sabedoria, que preservaria os valores gregos idealizados por Filóstrato.

3.2. Todos os caminhos levam à Grécia

Após uma longa viagem, Apolônio e seus companheiros finalmente chegam onde a torre dos brâmanes estava localizada (VA, III, 10). Ao se aproximarem, curiosamente, um mensageiro hindu vem até eles se comunicando em grego (VA, III, 12). Segundo a descrição do texto, a torre tem quase a mesma altura da Acrópole de Atenas, sobe diretamente da planície e sua posição natural a protege de ataques, pois é rodeada por rochas em todos os lados (VA, III, 13). Com essa descrição, Filóstrato compara, explicitamente, a topografia da torre dos brâmanes com a Acrópole de Atenas. Desde a referência linguística, até a topográfica, o autor permite que o leitor crie um mapa mental de Atenas.



FIGURA 3 - Apolônio encontra o mensageiro dos brâmanes (VA, II, 11-13). (imagem superior), Apolônio discursa para a população de Éfeso sobre a praga (VA, IV, 10). (imagem inferior). Desenho de Johannes Stradanus (Bruges 1523 - Florença 1605). New York, Cooper-Hewitt Museum of Design, Smithsonian Institution.

Fonte: YSSELT, D.V.S. Stradanus Drawings for the “Life of Apollonius of Tyana”, *Master Drawings*, n. 32, n. 04, 1994, p. 352.

Na sequência, o autor narra que os viajantes precisam passar por um processo de purificação: primeiro, devem purgar os seus pecados, mesmo os involuntários, banhando-se em um poço, para, em seguida, passarem pelo “fogo do perdão” (πῦρ ξυγγνώμης - VA, III, 14). Segundo Marciano (2014, p. 137-139), manter-se puro também é um preceito pitagórico. A purificação é, nesse sentido, uma necessidade para se manter limpo das impurezas transmitidas pelo contato com as outras pessoas. Mesmo fora da esfera estritamente cultural, a pureza individual é fundamental para evitar a absorção de energias negativas que manchem não apenas o plano divino, mas também o próprio componente divino do homem. Por isso, continua a autora, a vida diária pitagórica é "ritualizada" em todos os seus atos, gestos e

palavras, de forma a que o indivíduo possa conscientemente preservar a sua pureza, respeitar a esfera divina e evitar que qualquer ação sua possa prejudicar a si mesmo e aos outros.

Logo após terem se purificado, Apolônio e seus companheiros de viagem se foram para um local onde se depararam com estátuas de deuses indianos e egípcios. Porém, a surpresa maior foi terem encontrado, entre as demais, estátuas dos deuses gregos mais antigos:

θεῶν δὲ ἀγάλμασιν ἐντυχεῖν φασιν, εἰ μὲν Ἴνδοις ἢ Αἰγυπτίοις, θαῦμα οὐδέν, τὰ δὲ γε ἀρχαιότατα τῶν παρ' Ἑλλήσι τό τε τῆς Ἀθηνᾶς τῆς Πολιάδος. καὶ τὸ τοῦ Ἀπόλλωνος τοῦ Δηλίου καὶ τὸ τοῦ Διονύσου τοῦ Λιμναίου καὶ τὸ τοῦ Ἀμυκλαίου καὶ ὅποσα ὧδε ἀρχαῖα, ταῦτα ἰδρῦεσθαί τε τοὺς Ἴνδους τούτους καὶ νομίζειν Ἑλληνικοῖς ἦθεσι, φασὶ δ' οἰκεῖν τὰ μέσα τῆς Ἰνδικῆς. καὶ τὸν ὄχθον ὀμφαλὸν ποιοῦνται τοῦ λόφου τούτου, πῦρ τε ἐπ' αὐτοῦ ὀργιάζουσιν, ὃ φασιν ἐκ τῶν τοῦ ἡλίου ἀκτίνων αὐτοὶ ἔλκειν: τούτῳ καὶ τὸν ὕμνον ἡμέραν ἅπασαν ἐς μεσημβρίαν ᾄδουσιν. (VA, III, 14)

Eles dizem que se depararam com estátuas de deuses, e não seria espantoso se fossem só Indianos ou Egípcios, mas viram, principalmente, de Gregos. Havia estátuas de Atena Políade, de Apolo de Delos e de Dionísio de Limneu e de Amiclas, dentre outras também antigas, e os hindus estabeleceram práticas gregas comuns para cultuá-las. E eles dizem que eles habitam nas partes centrais da Índia, e consideram este pico como o umbigo desta colina, onde os sábios cultuam o fogo, o qual dizem extrair dos raios solares, e para o sol eles cantam um hino todos os dias ao meio dia.

Como descrito acima, as estátuas encontradas são de Atena Políade, de Apolo de Delos e duas de Dionísio, uma do Limneu e a outra de Amiclas. Abraham (2014, p. 472) observa que além dessas estátuas pertencerem a cultos originários do período arcaico, está agregado a esse conjunto o culto das cidades de Atenas (Atena Políade), de Delos (Apolo) e de Esparta (Dioniso de Limneu e de Amiclas), criando-se, desse modo, um mapa mental que unifica as regiões da Ática, da Jônia e do Peloponeso em uma identidade singular. Esse agrupamento, ainda segundo Abraham, remete à tendência da literatura da Segunda Sofística de criar a representação literária de um passado grego unificado, se não homogeneizado, ocultando as diferenças existentes entre as antigas cidades-estado.

É interessante destacar que o estranhamento provocado pelas estátuas, dessa vez, não se deve ao exotismo da cultura hindu, mas à similaridade da própria cultura de Apolônio em um lugar tão distante de sua pátria. Além disso, ao se referir a torre dos brâmanes como o

coração Índia e, ao mesmo tempo, como o centro do mundo (ὄμφαλόν), desloca-se todo o referencial geopolítico cultural. A noção de periferia e centro é invertida: a Índia, fronteira do mundo, ocupa, agora, a posição central, no lugar da Grécia e de Roma. Uma das consequências disso, aponta Abraham (2014, p. 475), é a implicação de que o centro do mundo está, de fato, em uma região bárbara e não civilizada. Atenas e Roma, então, passam a ser percebidas como regiões bárbaras e incivilizadas, independente de sua localização geográfica.

Se compararmos as representações de Roma, da Grécia e de Paraca na *VA*, sugere Abraham (2014, p. 476), Esta última corresponderia ao centro do mundo ou, ao menos, à sede de um helenismo não corrompido, Roma, à periferia corruptora e Grécia, à zona intermediária, corrompida e bárbara pela influência de Roma, mas ainda possível de salvação.

Considerando todas essas características, percebemos que Filóstrato nos indica, de forma metafórica, coordenadas que localizam a Grécia antiga, idealizada pelo autor, nas regiões distantes da Índia (ABRAHAM, 2004, 472 – 475). O confim da terra agora passa a ser o ὄμφαλόν. Nele, conseguem se comunicar em língua grega, os indianos possuem deuses gregos em comum e compartilham da mesma educação grega. Estes aspectos servem de ponte para unir dois lugares tão distantes, ou, em última instância, podem ser vistos como o derradeiro elo entre eles.

3.3. Sobre os confins do mundo e os confins da sabedoria

Se, por um lado, a Índia foi tida como a fronteira do mundo na literatura grega antiga, por outro lado, a *VA* quebra esse paradigma e amplia os limites desse *tópos* literário.

De acordo com Parker (2008, p. 301), os gregos começaram a imaginar a Índia como lugar de sabedoria, personificada na figura dos homens sagrados, a partir de Alexandre. Assim, os brâmanes causaram grande impressão nos gregos e nos romanos por representarem a junção de duas vertentes: a primeira, à virtude de um povo distante, desprovido de riquezas, e individualmente representada por Dandâmis³⁷; a segunda, à sabedoria dos sábios, especialmente dos povos antigos orientais, que reforça sua posição marginal em relação ao mundo mediterrâneo. Com isso, ao caracterizar esses homens sábios, continua o autor, talvez seja necessário contrastá-los com alguns de seus visitantes mais freqüentes do oeste: os filósofos. Estes diferiam não só pela sua identidade étnica, mas também pela *paideia*. Os

³⁷ O sábio com quem Alexandre teve contato, como consta no *Romance de Alexandre*.

gimnosofistas e os brâmanes possuíam sabedoria sem terem sofrido o árduo processo de aprendizagem grego, um processo que também é importante para a formação do sábio estoico e do homem sagrado pagão da Antiguidade. Nesse sentido, os gimnosofistas e os brâmanes oferecem um tipo alternativo de sabedoria.

Desde o início da obra, Filóstrato narra que Apolônio busca os conhecimentos orientais como fonte de sabedoria. Elsner (1997, p. 29-30) mostra que o autor usa as viagens como um reflexo do progresso espiritual de Apolônio. Assim, a grande variedade de *tópoi* etnográfico, experimentada por Apolônio sugere a profundidade e universalidade da sabedoria que ele dominou e com a qual está equipado para ensinar. Filóstrato representa seu sábio visitando as fronteiras do mundo conhecido em todas as direções: norte, no Cáucaso (VA, II, 2); leste, no Oriente próximo (VA, I, 21; II, 1) e na Índia (VA, II, 17; III, 50); sul, no Egito e Etiópia (VA, V, 43; VI, 28); e oeste, nas Colunas de Hércules (VA, IV, 47; V, 10).

Depois da Índia, Apolônio passa por Alexandria e segue viagem rumo à cidade dos gimnosofistas, localizada entre o Egito e a Etiópia (VA, VI 5). Como observa Silva (2014, p. 277), os gimnosofistas ora são tratados como egípcios (VA, I, 2; III, 32; VI, 10-11; VIII, 7.4), ora como etíopes (VA, VI, 6, 16; VIII, 7.12). Sobre isso, Robiano (1992, p. 414-415) menciona que existe uma proximidade entre gimnosofistas e brâmanes na literatura grega antiga. A exemplo disso, o autor cita uma passagem dos *Fugitivos* de Luciano de Samósata, na qual a personagem Filosofia marca os estágios de sua chegada aos humanos: "Em suma, depois dos brâmanes, fui diretamente para a Etiópia, depois para o Egito" (μετὰ δ' οὖν τοὺς Βραχμῆνας εἰς Αἰθιοπίαν εὐθύς, εἶτα εἰς Αἴγυπτον κατέβην. *Fugitivi*, VIII). Também na VA, os gimnosofistas são considerados inferiores em sabedoria aos brâmanes (VA, VI, 6, 11, 16).

Como afirma Parker (2008, p. 264), as viagens trazem sabedoria, em particular, aquelas que rumam para uma antiga terra do leste. Os brâmanes, por sua vez, não viajam, mas são o motivo de viagem para alguns filósofos, como no caso de Apolônio. Contudo, Parker alega (2008, p. 254) que a VA foi a primeira obra a considerar a Índia como referência máxima em sabedoria. Ao dialogar com Iarcas, Apolônio afirma: "considero que sua sabedoria é mais profunda e muito mais divina do que a nossa, e se eu não acrescentar nada ao meu estoque atual de conhecimento enquanto estou com você, ao menos terei aprendido que não tenho nada mais para aprender." (σοφώτερα τε ἡγοῦμαι τὰ ὑμέτερα καὶ πολλῶ θεϊότερα. εἰ δὲ μηδὲν πλέον ὧν οἶδα παρ' ὑμῖν εὔροιμι, μεμαθηκῶς ἂν εἶην καὶ τὸ μηκέτ' ἔχειν ὃ τι μάθοιμι. VA, III, 16).

Temos assim, segundo Elsner (1997, 29-31) a construção da imagem dos brâmanes como a fonte máxima de sabedoria que Apolônio poderia alcançar, e o resultado dessa viagem

à Índia é justamente o autoconhecimento e a plena maturidade filosófica. Essa viagem ao leste, então, é apresentada como parte da trajetória que transformará Apolônio em um θεῖος ἄνθρωπος no Império Romano. Ao mesmo tempo, essa viagem estabelece um paralelo entre Apolônio, Hércules, Dioniso e Alexandre, nos quais o sábio finalmente supera o conquistador ao adentrar no leste.

Assim, foi na Índia, a fronteira do mundo, o lugar onde Apolônio atingiu o extremo da sabedoria.

3.4. As curas feitas na torre dos brâmanes

Como mencionado no primeiro capítulo, os milagres e as curas de Apolônio narrados na VA são ingredientes que formam a figura de um θεῖος ἄνθρωπος e compõem também o conteúdo maravilhoso da obra. No terceiro livro, enquanto Apolônio permanece na torre dos brâmanes, ele e os sábios curam alguns enfermos que para lá se dirigem.

De acordo com Parker (2009, p. 89), a literatura antiga valorizava de maneira especial o conhecimento medicinal hindu. Assim, os médicos indianos, ao contrário de seus equivalentes gregos, eram capazes de curar mordidas de cobras, como narrado por Arriano de Nicomédia (VIII, *Ind.* 15. 5-11). Segundo Arriano, esses médicos (ἰητροί) pertencem a um subconjunto de filósofos. Estrabão também fala a respeito da medicina indiana citando Nearco e Megástenes como fonte (15. 1.45 C706 e 15.1.60 C713).

Na VA, algumas das curas realizadas, ora por Apolônio, ora pelos brâmanes, são: i) o exorcismo de um demônio que possuía um menino há dois anos (VA, III, 38); ii) a recuperação de um homem, caçador de leões, o qual havia deslocado o quadril por causa do ataque de um leão; iii) o restabelecimento da visão de um homem que teve os olhos arrancados; iv) a restauração de um outro que tinha uma mão paralisada; v) e o auxílio ao parto de uma mulher que já havia sofrido aborto sete vezes (VA, III, 39).

Em dado momento, Iarcas declara que, de todos os dons que são concedidos aos homens, o da cura é o mais importante (VA, III, 44). Ao mesmo tempo, ele associa o dom da cura com o da adivinhação, pois este último proporciona o descobrimento de novas curas. Pode-se, por exemplo, manipular o veneno de certos animais para o tratamento de doenças. Para Iarcas, sem uma sabedoria profética, os homens não se arriscariam a misturar venenos criando medicamentos que salvam vidas. Ainda segundo ele, os filhos de Asclépio jamais teriam alcançado esse ramo da ciência se o próprio Asclépio não fosse filho de Apolo. Por

meio da consulta de oráculos, eles prepararam e adaptaram diferentes medicamentos para diferentes doenças. Além disso, teriam aprendido de Asclépio quais ervas devem ser aplicadas em hemorragias, queimaduras e escoriações, e quais líquidos devem ser administrados para tratar os pacientes.

Essa relação entre a cura baseada nos ensinamentos de Asclépio e no dom da adivinhação está associada à sabedoria de Apolônio desde o início da obra. Filóstrato narra que Apolônio, aos quatorze anos, se mudou para Tarso a fim de ser educado por Eutidemo, que era um bom orador e originário da Fenícia. Mais tarde, se mudou para Egeas, onde existia uma escola mais conceituada e um templo de Asclépio, no qual o deus aparecia para os homens. Foi também nesta cidade que Apolônio, aos dezesseis anos, sentiu um impulso e passou a se dedicar aos ensinamentos pitagóricos (VA, I, 7). A partir de então, Apolônio passou a seguir os preceitos de Pitágoras e foi morar no templo de Asclépio. Com isso, as pessoas que moravam nas redondezas do templo passaram a admirá-lo, e o próprio deus manifestou ao sacerdote do templo o seu contentamento por ter Apolônio como testemunha de suas curas. Conseqüentemente, a reputação de Apolônio aumentou ao ponto de os povos vizinhos, e até mesmo os mais distantes, irem até lá para vê-lo (VA, I, 8) e dele receber curas (VA, I, 9-10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos rastrear, ao longo da VA, vários indícios que nos permitem ler a obra como um instrumento sofisticado para defender os ideais da Segunda Sofística. De acordo com a leitura que fazemos do texto, Filóstrato se apropria do personagem de tal forma que vemos, em Apolônio, não apenas um filósofo pitagórico, um sábio, um θεῖος ἀνὴρ em busca da sabedoria, mas principalmente a figura de um difusor da cultura grega. A impressão que temos é, à *grosso modo*, de que Apolônio seria a própria Grécia personificada.

Como menciona Swain (2009, p. 34), Filóstrato estava ciente da mudança de seu mundo. Uma de suas reações foi arquitetar um modelo idealizado da cultura helênica e apresentá-lo como se esta cultura fosse a natural de seus companheiros de elite. Sobre isso, Horster (2014, p. 11) afirma que, para muitas pessoas, a educação seria a maneira mais importante de se chegar à essência da cultura e da religião grega. Nesse sentido, somente a elite intelectual poderia se envolver com ela. Partindo desse ideal, Filóstrato e outros escritores da Segunda Sofística agiam no Império Romano.

Dentro desse contexto, a língua foi um veículo influente. Abraham (2009, p. 38) reforça que esta é uma das características da Segunda Sofística, pois autores e oradores expressavam sua identidade grega simulando a dicção, o estilo e o vocabulário do ático do século V a.C. O aticismo prevaleceu de tal forma que lexicógrafos começaram a catalogar o grego “correto” e o “incorreto”, como fez Frinico Arabio, que compôs a *Praeparatio Sophistica*, um léxico no qual categorizava o uso “correto” do ático e menosprezava todos os outros dialetos. Em última instância, o aticismo foi uma simulação que permitia a alguém reivindicar uma identidade grega. É significativo que Filóstrato, para exaltar as qualificações helenísticas de Apolônio, enfatiza que ele falava perfeitamente o ático, sem se deixar afetar pelo sotaque da sua região (VA, I, 7). Além da performance linguística exemplar de Apolônio, também é digno de nota que as pessoas mais influentes da Índia falavam habilmente o grego, como o rei Fraotes e os brâmanes.

Nesse sentido, de retomada e afirmação de uma identidade grega, a noção de bárbaro retorna à época clássica. A separação entre a etnia e a cultura, de fato, teve início no mundo helenístico e continuou em Roma. A etnicidade permaneceu importante na imaginação e teve, certamente, consequências políticas e sociais. Dentro desse contexto, é compreensível que os autores da Segunda Sofística tenham tentado estabelecer um estereótipo do “grego puro” (SWAIN, 2009, p. 35).

Dadas essas circunstâncias, Abraham (2014, p. 476) entende que a corrupção da identidade grega apresentada por Filóstrato sugere uma crítica da cultura grega sob o Império Romano. Nas palavras de Iarcas (VA, III, 19), os gregos deveriam se culpar pela degradação de sua identidade, já que usam o Aquiles homérico (bem como outros heróis similares) como um modelo de masculinidade que os levou a venerar o imperialismo de uma forma geral.

Swain (2009, p. 36- 37) sugere que, por meio da VA, Filóstrato idealiza e propõe um modelo que intencionaria uma reforma religiosa e moral, baseadas nos preceitos da cultura grega, ao enfatizar os feitos de um θεῖος ἀνὴρ e de um filósofo-pitagórico exemplar. A cultura helênica é tida como superior, por um lado, sob a perspectiva da sábia filosofia helênica, e por outro, decadente, se tomarmos como exemplo outros gregos contemporâneos de Apolônio. Swain ainda considera que as reformas propostas por Filóstrato na figura de Apolônio dialogariam diretamente com as necessidades da época de Filóstrato, e não da de Apolônio. Por isso, não é de forma involuntária que:

Se Apolônio compreende todas as línguas sem as ter aprendido, o grego é, entretanto, a língua que tem mais afinidades com a sabedoria. Todos os interlocutores de qualidade com quem Apolônio conversa falam grego, começando por Iarcas, o mais sábio dos brâmanes hindus: acolhe-o em grego [...]. Trata-se de uma forma de dizer que o grego é a língua da filosofia. (HARTOG, 2004, p. 227, 228, tradução de Jacyntho Lins Brandão)

Com isso, entendemos que na época de Filóstrato, mas principalmente, segundo a ótica do autor, bárbaro já não é aquele de quem não se entende a língua, tendo em vista a multiplicidade de línguas faladas no império, mas é bárbaro aquele que não tenha incorporadas em si a filosofia e a erudição grega clássica. Tanto é que o autor usa como palco central a Índia, um lugar-comum da literatura grega como uma região selvagem e incivilizada. Na VA, a Índia se torna o local onde a sabedoria, a filosofia, os conhecimentos de língua e literatura, em suma, os valores resgatados pela Segunda Sofística, se conservam intactos e incorrompidos. A Índia seria a projeção de uma Grécia unificada e idealizada, onde Apolônio alcança o nível máximo de sabedoria junto aos brâmanes. Mas a sabedoria aprendida com os sábios é a própria sabedoria grega embasada nos preceitos pitagóricos. Em última instância, Filóstrato apresenta a cultura grega como superior à cultura de outros povos.

A Índia não conserva apenas esses valores, mas simula a Grécia, mais exatamente Atenas, devido à comparação topográfica explícita feita entre a torre dos brâmanes e a Acrópole (VA, III, 13). Além disso, Filóstrato também projeta na Índia a figura de um

governante idealizado, personificado em Fraotes. Fraotes é um rei ideal porque teve, junto aos brâmanes, a formação grega, e, portanto, essa erudição norteia suas ações. A Índia é, então, como afirma Abraham (2009, p 11), o lugar onde a identidade grega existe em sua forma pura e inalterada pela avidez imperialista.

Parker (2008, p. 259) reforça que a *paideia*, como um ideal comum e conector das elites locais, foi divulgada mais intensamente por esses filósofos no leste do Império Romano. Pode-se dizer que promoveu a criação de uma "comunidade imaginada" de homens eruditos, com base em uma visão seletiva da história. Nesse mundo divergente, os filósofos gregos tornaram-se símbolos de uma cultura comum, entre os aristocratas, em uma ampla área geográfica. É nesse contexto que, segundo o autor, devemos ponderar, com base na VA, como e por que os sábios indianos capturaram a imaginação greco-romana.

Em particular, a figura dos brâmanes oferece a oportunidade de construir um ideal, ao mesmo tempo improvável e desejável, que era o da sabedoria sem a *paideia* (PARKER, 2008, p. 304-305). Porém, na VA, Filóstrato se apropria e faz outro uso da figura dos brâmanes: eles representam o apogeu, o limite máximo da sabedoria justamente porque sua sabedoria e seus ritos dialogam com o modelo clássico ateniense.

Abraham (2014, p. 472-473) infere que Paraca é mais uma realização da frequente citação de Apolônio de que “para o homem sábio, a Grécia está em todos os lugares e ele não considera, nem acredita que algum lugar seja deserto ou bárbaro, se ele estiver vivendo sob a visão da virtude” (σοφῶ ἀνδρὶ Ἑλλάς πάντα καὶ οὐδὲν ἔρημον ἢ βάρβαρον χωρίον οὔτε ἠγήσεται ὁ σοφὸς οὔτε νομεῖ ζῶν γε ὑπὸ τοῖς τῆς ἀρετῆς ὀφθαλμοῖς – VA, I, 34). Logo, independentemente de onde estiver, o homem sábio é sempre um homem sábio, na medida em que ele, a todo momento, se comporta como um. Essa consistência de caráter tem um efeito transformador em sua localização, permitindo que ele encontre a Grécia em todos os lugares. Em essência, "estar na Grécia" equivale a ter autoconhecimento e viver esse autoconhecimento. A realização da Grécia na Índia, assim, explicada pela correlação entre autoconhecimento e helenismo. Iarcas, abrindo-se as indagações de Apolônio, afirma: “pergunte o que você quiser, pois você se encontra entre um povo que sabe tudo” (VA, III, 18). Apolônio, então, pergunta se os brâmanes conhecem a si próprios, pois os gregos consideram difícil afirmar que se autoconhecem. Iarcas, curiosamente, responde: "sabemos todas as coisas, uma vez que primeiro nos conhecemos (πάντα γινώσκομεν, ἐπειδὴ πρώτους ἑαυτοὺς γινώσκομεν - VA, III, 18). O autoconhecimento, continua o autor, considerado uma coisa difícil de se adquirir no pensamento grego, se torna o ponto de partida da filosofia dos brâmanes.

Finalmente, não podemos deixar de ter em mente que escrever é um ato político. Sem desconsiderar o deleite que uma leitura pode proporcionar, uma de nossas surpresas foi perceber como a *VA* foi um instrumento político. Sob o domínio imperial Romano, o escritor grego Flávio Filóstrato viveu entre os séculos II e III durante o governo da dinastia dos Severos (193-225). De forma simplificada, entendemos o Império Romano como um difusor e infusor de identidades e culturas, e esse foi um período de questionamentos para Filóstrato e para os outros escritores da Segunda Sofística. Pertencente à elite, além de escritor, Filóstrato exerceu uma carreira política na Grécia e manteve bom relacionamento com os Severos, o que lhe permitiu ter um contato mais próximo com o cenário político imperial em que viveu.

Além de acompanhar o imperador Septímio Severo em viagens, Filóstrato também interagiu intelectualmente com a imperatriz Júlia Domna. De acordo com Filóstrato, foi a pedido dela que ele escreveu a biografia de Apolônio. Ao compor a *VA*, o autor se apropriou da figura de Apolônio e personificou nele o modelo idealizado de um homem sábio, o qual usou para criticar os governantes do Império Romano. Porém, suas críticas dialogam não apenas com as necessidades da época de Filóstrato ou de Apolônio, elas denotam, principalmente, a aspiração do autor de restaurar e afirmar a identidade e a cultura grega clássica, atribuindo-lhes o status de fonte da sabedoria e da cultura do ocidente.

REFERÊNCIAS

ABRAHAM, R. J. *Magic and religious authority in Philostratus' Life of Apollonius of Tyana*. Tese de Doutorado defendida na Universidade da Pensilvânia, 2009.

_____. The geography of culture in Philostratus' Life of Apollonius of Tyana. *The Classical Journal*, 109.4, 2014, p. 465-480.

ARRIANO. *Anabasis Alexandri – Books V-VII. Indica (Book VIII)*. II Volume. Trad. P. Iliff Robson, B. D. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. The Loeb Classical Library, 1966.

BAROIN, C.; WORMS, A-L. *Les identités culturelles dans l'Antiquité*. Séminaire sur les identités. Université de Rouen - Faculté des Lettres et Sciences Humaines, 2006-2007.

BRANDÃO, J. L.. A adivinhação no mundo helenizado do segundo século. *Clássica*, São Paulo, 4, 1991, p. 103 – 121.

BOTER, Gerard. The title Philostratus' Life of Apollonius of Tyana. *Journal of Hellenic Studies*, v. 135, p. 1-7, out. 2015.

BOWIE, E. L. Philostratus: the life of a sophist. In: BOWIE, E. ELSNER, J. *Philostratus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p.19-32.

CARVALHO, R. G. Resenha de DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. *Contraponto – Revista Eletrônica de História*, Teresina, v. 1, n. 1, jun., 2011.

CARVALHO, M. M. de. *Paideia e Retórica no século IV d.C. A Construção da imagem do Imperador Juliano segundo Gregório de Nazianzeno*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2010.

CARRIÉ, J-M. *Unificação política, globalização cultural e economia-mundo no Império Romano tardio*. Tradução de Deivid Valério Gaia. Correção de Fábio Faversoni. Comunicação apresentada no III Encontro Regional do GLEIR – UNESP/Franca em 19/09/2011, p. 01-24.

CICÉRON. *Traité des lois*. Estabelecimento e tradução de texto de Georges de Plinval. Paris : Les Belles Lettres, 1959.

CORNELLI, G. *Sábios, Filósofos, Profetas ou Magos? Equivocidade na recepção das figuras de θεῖοι ἄνδρες na literatura helenística: a magia incomoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré*. Tese de Doutorado apresentada na Universidade Metodista de São Paulo, 2001.

COURCELLES, Dominique de. When the Greek king Alexander the Great laughed in India: The rhetoric of laughter and the philosophy of living. *Philosophy and Rethoric*, v. 47, n. 3, p. 323-333, 2014

DORAN, C. M; STANNISH, S. M. Magic and Vampirism in Philostratus's *Life of Apollonius of Tyana* and Bram Stoker's *Dracula*. *Preternature: Critical and Historical Studies on the*

Preternatural, v. 2, n. 2, p. 113-138, 2013.

DOSSE, F. Ensaio de Ego-História: percurso de uma pesquisa. In: DOSSE, F. *História e Ciências Sociais*. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 11-61.

ELSNER, J. Hagiographic geographic: travel and allegory in the Life of Apollonius of Tyana. *Journal of Hellenic Studies*, CXVII, 1997, p. 22-37.

_____. A Protean corpus. In: BOWIE; ELSNER (eds). *Philostratus*. Cambridge: CUP, 2009, p. 1 – 18.

ESPELOSÍN, Francisco Javier Gómez. *Paradoxógrafos griegos: rarezas y maravillas*. Madri: Editorial Gredos, 1996.

ESPELOSÍN, Francisco Javier Gómez; LARGACHA, Antonio P.; GIRVÉS, Margarita V. *Tierras fabulosas de la antigüedad*. Madri: Universidad de Alcalá, 1994.

FILÓSTRATO, F. *The Life of Apollonius of Tyana*. Tradução de Frederick Cornwallis Conybeare. London: Harvard University Press, 1989.

_____. *Vida de Apolônio de Tiana*. Introducción, traducción y notas de Alberto Bernabé Pajares. Madrid: Editorial Gredos, 1992.

_____. *The life of Apollonius of Tyana*. Edição e tradução de Christopher Jones. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

FLINTERMAN, J. J. *Power, Paideia & Pythagoreanism: Greek identity, conceptions of the relationships between philosophers and monarchs and political ideas in Philostratus' Life of Apollonius*. Amsterdam: J. C. Gieben, 1995.

_____. *The ancestor of my wisdom: Pythagoras and Pythagoreanism in Life of Apollonius*. In: BOWIE; ELSNER (eds). *Philostratus*. Cambridge: CUP, 2009, p. 155-175.

_____. Pythagoreans in Rome and Asia Minor around the turn of the common era. In: HUFFMAN, C. A. (eds). *A history of Pythagoreanism*. Cambridge: CUP, 2014, p. 341-359.

FÓCIO. *Photius: La Bibliothéque*. Text établi et traduit par René Henry. Paris: Les Belles Letres, 1959.

GIRARD, Rene. The first stone. *Renascence: Essays on Values in Literature*, v. 52, n. 1, p. 5, 1999.

HARTOG, François. *A memória de Ulisses: Narrativas sobre fronteira na Grécia Antiga*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

_____. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Tradução de Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

HERÓDOTO. *Histórias – Livro II*. Tradução de J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Ediouro, [199-].

HOLZBERG, N. The Genre: novels proper and the fringe. In: SCHMEUNG, G. (ed.). *The novel in the Ancient World*. Netherlands: Brill, 1996, p. 11 – 28.

HOMERO. *Hinos Homéricos*: Tradução, notas e estudo. (E. B. Rosa, Trad.) São Paulo: UNESP, 2010.

_____. *Ilíada*. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics; Companhia das Letras, 2013.

_____. *Odisseia e Ilíada – Box*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

HORSTER, Marietta. Beyond Philosophy: Notions of Wisdom and Theosophy in the Second Sophistic. Comunicação apresentada na conferência *Cultural knowledge in the ancient world. Production, circulation, validation*. Groningen, fev. 2014.

JONES, C., P. Apollonius of Tyana in Late Antiquity. In: JONHSON (eds). *Greek Literature in Late Antiquity: Dynamism, Didacticism, Classicism*. Burlington: Ashgate Publishing Company, 2006, p. 49 – 64.

JUSTI, D. B. Imposição e Negociação de Fronteiras nos Cristianismos Originários: a Magia dos Homens Divinos e dos Apóstolos Paleocristãos. *Revista Jesus Histórico*, v. 8, p. 11-31, 2012.

PSEUDO CALÍSTENES. *Vida y hazañas de Alejandro de Macedonia*. Tradução, prólogo e notas de Carlos Garcia Gual. Madrid: Gredos, 1977.

KEMEZIS, A. Roman Politics and the Fictional Narrator in Philostratus' *Apollonius*. *Classical Antiquity*, v. 33, n. 1, p. 61–101, 2014.

KERFERD, G. B. *O Movimento Sofístico*. São Paulo: Loyola, 2003.

KOSKENNIEMI, Erkki. Apollonius of Tyana: a typical θεῖος ἄνθρωπος?. *Journal of Biblical Literature*, v. 117, n. 3, p. 455-467, out. 1998. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3266442>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

LLOYD, G. Pythagoras. In: HUFFMAN, C. A. (eds). *A history of Pythagoreanism*. Cambridge: CUP, 2014, p. 24 – 45.

_____. *Magic, reason and experience: studies in the origin and development of Greek science*. New York: CUP, 1979.

LUCIAN. *Works*. Trad. A. M. Harmon. Cambridge, MA. Harvard University Press. London. William Heinemann Ltd. 1936.

MARCIANO, L. G. The Pythagorean way of life and Pythagorean ethics. In: HUFFMAN, C. A. (eds). *A history of Pythagoreanism*. Cambridge: CUP, 2014, p. 131 – 148.

MARTÍNEZ, J. L. C. Oratória y Biografía. El retrato de Alcebíades en Lisias e Isócrates In: JIMÉNEZ, A. P.; FERREIRA, J. R. (coords.). *O retrato e a biografia como estratégia de*

teorização política. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra/Universidad de Málaga, 2004, p.37-48.

MENDES, N., M. Centralização e integração na experiência imperialista romana: uma reflexão. *Phoênix*, Rio de Janeiro, v. 10, 2004, p. 257 – 274.

_____. Romanização: cultura imperial. *Phoênix*, Rio de Janeiro, v. 5, 1999, p. 307 – 324.

MILES, G. Ominous Swans in Philostratus' *Life of Apollonius* (1.5). *Mnemosyne*, p. 1-17, 2016.

MORAIS, Cynthia. *Maravilhas do Mundo Antigo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

NICHOLS, Andrew. *Ctesias on India*. Londres: Bristol Classical Press, 2011.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica I*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

ROBIANO, P. Les gymnosophistes éthiopiens chez Philostrate et chez Héliodore, *Revue des Études Anciennes*, 94, 1992, n. 12, p. 413-428

RODRIGUES, N. S. A Índia na mitologia grega. In: Carmen Soares, Maria do Céu Fialho & Thomas Figueira. (Coords.). *Pólis/Cosmópolis: Identidades Globais & Locais*. 1ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra Annablume, 2016, p. 167-174.

ROOM, J. Belief and Other Worlds: Ktesias and the Founding of the “Indian Wonders”. In: SLUSSER, G. & RABKIN, E. (eds.). *Mindscapes: The Geographies of Imagined Worlds*. Carbondale: Southern Illinois University, 1989. p. 121 – 135.

SANO, Lucia. Das Narrativas Verdadeiras, *de Luciano de Samósata*: tradução, notas e estudo. 174 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SÍCULO, Diodoro. Historical Library – Books II e IV. Trad. C. H. Oldfather. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. The Loeb Classical Library, 1965.

SIDEBOTTOM, Harry. Philostratus and the symbolic roles of the sophist and philosopher. In: BOWIE, E. ELSNER, J. *Philostratus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009, p.69-99.

SILVA, S. C. Sofistas gregos e poder imperial romano: reflexões sobre o testemunho de Flávio Filóstrato (século III d.C.). In: Carlos Eduardo da Costa Campos, Renan Marques Birro. (Org.). *Relações de Poder: da Antiguidade ao Medieval*. 1ed. Vitória: DLL/UFES, 2013, v. 1, p. 249-270.

_____. O sábio Apolônio de Tiana na cidade de Alexandria: a visão do sofista grego Filóstrato sobre a capital da província romana do Egito (século III d.C.). *Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos*, v. 3, p. 107-128, 2014. a

_____. *O Império Romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da Vida de Apolônio de Tiana (século III d.C)*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2014. Disponível em: <<http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/tese-semiramis-corsi-silva-final-apos-defesa.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2016. b

_____. O Apolônio de Tiana na biografia escrita por Filóstrato e os Sofistas. *Revista Classica*, v. 29, n. 2, p. 119-144, 2016.a

_____. *A Segunda Sofística de Filóstrato: identidade grega, paideia e Império Romano*. In: XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS, 2016, Santa Cruz do Sul/RS. Caderno de Resumos do XIII Encontro Estadual de História da ANPUH RS. Porto Alegre/RS: Oikos, 2016. p. 122-123.b

_____. Identidade grega e poder imperial romano em representações da Índia: reflexões a partir da Vida de Apolônio de Tiana, de Filóstrato. *Tempos Históricos*, v. 21, p. 468-497, 2017.

STONEMAN, Richard. *The greek Alexander Romance*. London: Penguin Classics, 1991.

SUDA. On Line: Byzantine Lexicography. Disponível em: <<http://www.stoa.org/sol/>>. Acesso em: 30 set. 2016.

SWAIN, Simon. Culture and nature in Philostratus. In: BOWIE; ELSNER (eds). *Philostratus*. Cambridge: CUP, 2009, p. 33-48.

UYTFANGHE, M. La Vie d'Apollonius de Tyane et le discours hagiographique. In: DEMOEN, K; PRAET, D. (ed.). *Theios Sophistes*. Essays on Flavius Philostratus' *Vita Apollonii*. Leiden/Boston: Brill, 2009, p. 335-374.

WHITMARSH, T. Greece is the world: exile and identity in the Second Sophistic. In: GODHILL, S. *Being Greek under Rome*. Cultural identity, the Second Sophistic and the Development of Empire. Cambridge: CUP, 2001, p. 269-305.

YSSELT, Dorine van Sasse van. Stradanus drawings for the “Life os Apollonius of Tyana”. *Master Drawings*, v. 32, n. 4, 1994, p. 351-359. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1554154>>. Acesso em: 06 de junho. 2016.

ZEITLIN, F., I. Visions and revisions of Homer. In: GODHILL, S. *Being Greek under Rome*. Cultural identity, the Second Sophistic and the Development of Empire. Cambridge: CUP, 2001, p. 195-266.